

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ABEL VIANA (1896-1964): UMA VIDA DE ARQUEÓLOGO

ABEL VIANA (1896-1964), THE LIFE OF AN ARCHAEOLOGIST

João Luís Cardoso¹

Abstract

In this article we present a synthesis of the work of Abel Viana (1896-1964) in the Archaeology. We stress the existence of three phases in his career, corresponding to an increase and diversity of his scientific production: the initial phase, developed in his native region (Minho, Northern Portugal); the second phase, corresponding to the period he stayed in Faro, Algarve; and the last phase, when he lived in Beja (Baixo Alentejo), where he wrote his most important works.

Keywords: Abel Viana; History of Archaeology; Portugal.

1 - INTRODUÇÃO

Abel Viana (n. Viana do Castelo, 16 de Fevereiro de 1896, f. Beja, 17 de Fevereiro de 1964) (Fig. 1) foi uma figura ímpar da Arqueologia portuguesa, domínio científico que será o único a ser abordado neste pequeno contributo, preparado por ocasião da celebração do quinquagésimo aniversário do seu falecimento, no dia 27 de Setembro de 2014 na Biblioteca-Museu do Paço Ducal de Vila Viçosa/Fundação da Casa de Bragança, em encontro organizado por esta Instituição em parceria com o Museu Nacional de Arqueologia e do qual uma versão sintética preliminar foi já publicada (Cardoso, 2015).

Dotado de um pensamento vigoroso e desassombrado, Abel Viana foi um pioneiro em muitos domínios da investigação arqueológica, pautando a originalidade dos seus contributos com uma forma de escrita rigorosa e objectiva, avesso a falsas manifestações de erudição, por ele identificadas quase sempre em literatos inconsequentes, por falta de preparação prática, que tanto o divertiam como o indignavam. Tal sentimento é revelado na sua correspondência com O. da Veiga Ferreira

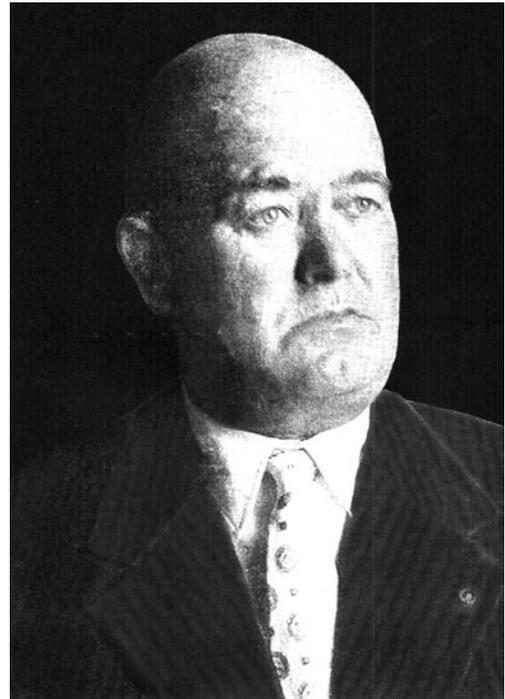


Fig. 1 – Abel Viana (1896-1964).

¹Academia das Ciências de Lisboa. Academia Portuguesa da História. Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

(CARDOSO, 2001-2002; 2008), precioso repositório de informações de como a Arqueologia era realizada em Portugal entre as décadas de 1940 e 1960.

Seleccionando amigos e colaboradores, incutindo em outros algum temor ou reservas, pelo seu espírito independente e desassombrado, o nome de Abel Viana foi silenciado nas últimas décadas no âmbito do ensino universitário, e relegado para um plano secundário no quadro da Arqueologia portuguesa. Mas, como o tempo é, felizmente, o grande juiz da História e dos Homens, o exemplo de Abel Viana, corporizado na dimensão e valia da sua obra científica, acabou por vingar, tornando-se até objecto de estudos académicos, para além das obras de carácter biográfico que lhe dedicaram amigos, familiares e admiradores. É nesse último grupo que o autor se inclui: não tendo privado com o Homem, é assíduo utilizador da sua obra publicada, e conhece bem outra documentação, com destaque para as fotos e correspondência remetidas àquele que foi o seu discípulo dilecto e amigo mais próximo, o Doutor O. da Veiga Ferreira. Que este contributo possa, assim, constituir modesta homenagem à memória de um dos mais consequentes, produtivos e empenhados obreiros da nossa Arqueologia.

2 - O DESPERTAR PARA A ARQUEOLOGIA

Abel Viana, nascido em Viana do Castelo em 16 de Fevereiro de 1896, desempenhou entre 1917 e 1931, no início da sua carreira profissional em Portugal, depois de regressar do Brasil onde foi emigrante, o cargo de Professor Primário em diversas escolas minhotas (Fig. 2).

Como Professor, teve a oportunidade de contactar populações e explorar territórios (Fig. 3), por via das informações recolhidas, fornecendo-lhe os primeiros elementos para estudos de etnografia e de arqueologia que, a partir de 1929 viria a publicar regularmente



Fig. 2 - Abel Viana com uma turma de alunos da instrução primária. Viana do Castelo, ca. 1920 (exposição comemorativa organizada pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, patente ao público no castelo de Vila Viçosa em 2014).



Fig. 3 - Abel Viana no Minho, em alegre confraternização, na década de 1920-1930 (exposição comemorativa organizada pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, patente ao público no castelo de Vila Viçosa em 2014).

até à sua morte, ascendendo então a mais de trezentos títulos, já inventariados em pormenor por seu sobrinho, bem como as publicações que sobre a sua vida e obras lhe dedicaram colegas, amigos ou admiradores, até 1996 (VIANA, 1996).

Os primeiros passos no campo da Arqueologia foram acompanhados por J. Leite de Vasconcelos, com quem se correspondeu até ao falecimento deste, em 1941 (CARDOSO & COITO, e.p.). Com efeito, o primeiro encontro entre os dois data de 1926, quando se cruzaram na estação do caminho de ferro de Seixas, no Alto Minho (VIANA, 1941). Nessa época, Abel Viana era já um estudioso da etnografia minhota, mas apenas se encontrava vagamente desperto para a Arqueologia.

Como ele próprio referiu, em 1927 o Padre Luisier, jesuíta que então residia no Colégio de La Guardia, recolheu, no litoral adjacente, dois seixos que lhe pareceram picos asturienses, que ofereceu ao Padre Eugénio Jalhay, Jesuíta português então também ali instalado e que logo os publicou (JALHAY, 1928). Tais achados motivaram Abel Viana a, conforme ele próprio declara, iniciar prospecções ao longo da costa a norte de Viana do Castelo e até ao farol de Montedor (VIANA, 1928).

Esta iniciativa foi influenciada também pelos resultados das prospecções realizadas por Ruy de Serpa Pinto, malgrado investigador portuense a quem se deve a publicação, em 1928, dos resultados das colheitas por si realizadas em Âncora e Afife (PINTO, 1928). As prospecções de Abel Viana efectuadas naquele mesmo ano, vieram confirmar o efectivo prolongamento para sul de tais indústrias, até à foz do Lima, destacando-se a estação da Areosa, correspondente à sua primeira publicação arqueológica de escopo (VIANA, 1929 a), onde se apresentaram belos desenhos de picos asturienses clássicos (Fig. 4).

Para além da identificação das indústrias de tipo asturiense, que presentemente se crê serem situáveis nos finais do Plistocénico e primórdios dos tempos pós-glaciários (MEIRELES, 1994), Abel Viana, no ano seguinte (VIANA, 1930), dá a conhecer as primeiras indústrias paleolíticas da região minhota, representadas por alguns belos bifaces acheulenses, como os recolhidos em São Gregório, Lanhelas, e em Seixas, locais do concelho de Caminha.

O último artigo resultante dessa linha de investigação foi publicado no volume de homenagem ao conde de la Vega del Sella (VIANA, 1956 a), no qual voltou a apresentar picos da Areosa (Fig. 5). Tal participação justificava-se plenamente, pois o homenageado foi o arqueólogo que procedeu, com base em escavações na costa cantábrica, à identificação do Asturiense, cuja monografia (VEGA DEL SELLA, 1923) muito ajudou Abel Viana na elaboração do seu artigo de 1929.

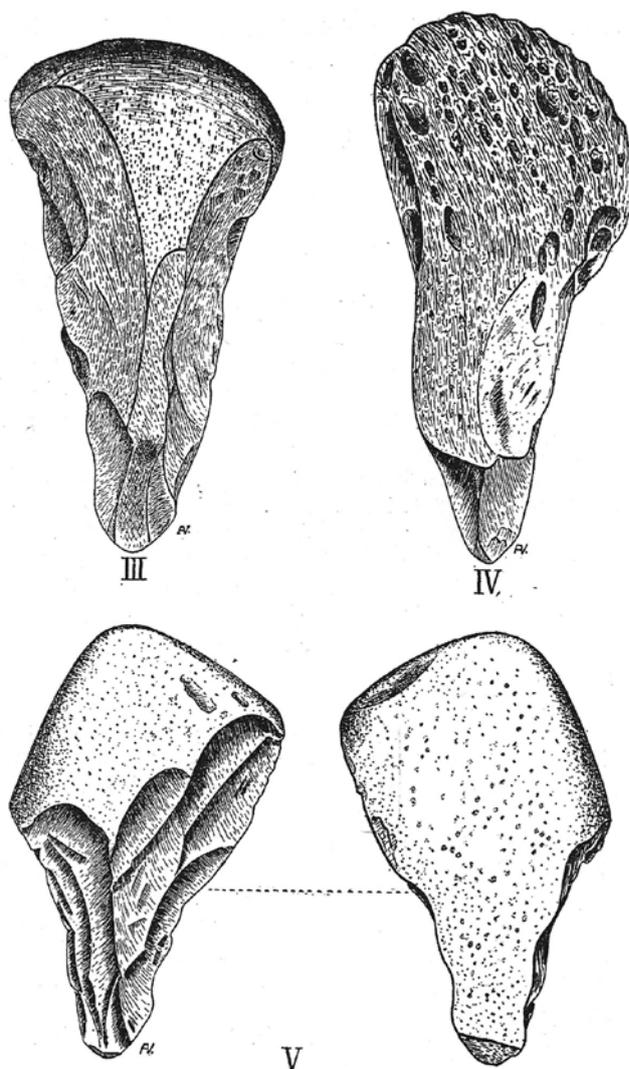


Fig. 4 - Desenhos de picos asturienses da praia da Areosa (seg. VIANA, 1929).

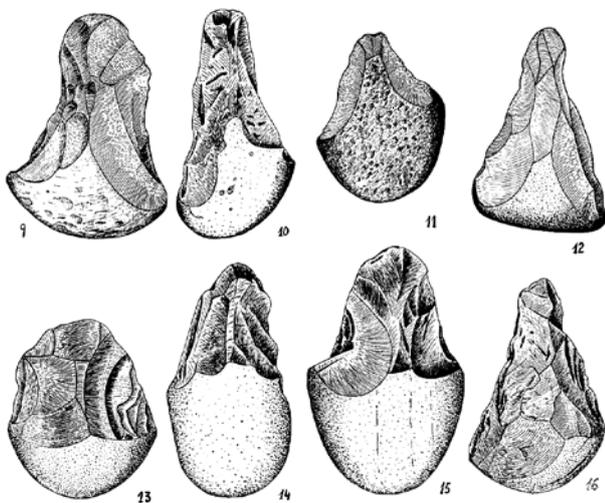


Fig. 5 - Desenhos de picos asturienses da praia da Areosa (seg. VIANA, 1956 a).

Naquele e em outros estudos da mesma índole, não deixou de associar a posição das indústrias líticas às respectivas formações geológicas, no caso terraços fluviais ou praias elevadas do litoral, critério só muitos anos depois retomado na mesma região por geógrafos e geólogos de nomeada, como H. Lautensach e C. Teixeira.

O interesse pelo estudo das indústrias macro-líticas fini e pós-paleolíticas, explicam os trabalhos que continuou a publicar, sozinho ou em co-autoria com o seu amigo e eminente geólogo e arqueólogo Georges Zbyszewski.

Regressava regularmente à sua região natal, o que explica os estudos arqueológicos que ao longo da sua vida lhe dedicou, desde os já referidos contributos sobre Asturiense e paleolítico, até achados de

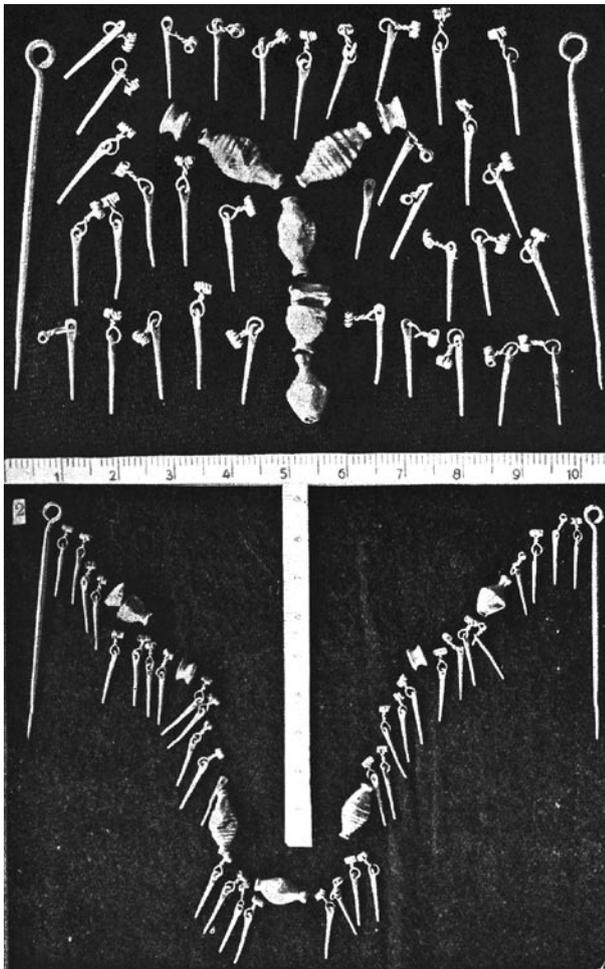


Fig. 6 - Jóias auríferas da necrópole romano-suévica de Beiral (seg. VIANA, 1961 a).

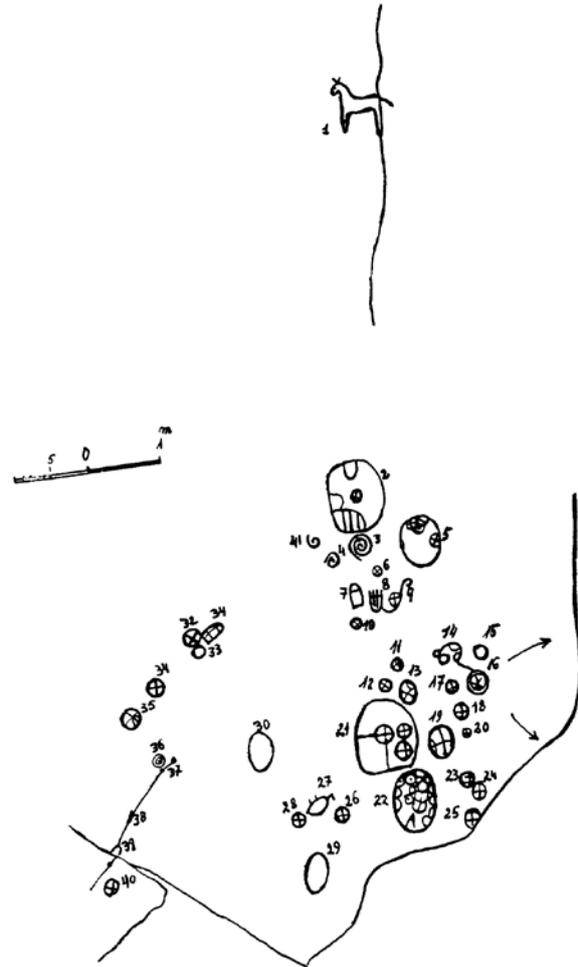


Fig. 7 - Insculpturas rupestres de Lanhelas (seg. VIANA, 1960).

época romana, e tardo-romana/suévica, representada pela necrópole de Beiral, Ponte de Lima, onde se recolheram raras jóias de ouro (VIANA, 1961 a) (Fig. 6).

A arte rupestre foi uma dos domínios mais importantes – e também dos então menos conhecidos – a que dedicou relevantes estudos. Entre todos, destaca-se o estudo publicado sobre as insculpturas rupestres de Lanhelas, concelho de Caminha, cujo primeiro estudo apareceu logo em 1929 (VIANA, 1929 b). Como o próprio declara, tal publicação não o satisfaz, porque a excessiva redução de alguns desenhos fez desaparecer alguns pormenores importantes. Indo residir para Carreço, em 1931, surgiu a oportunidade de ali encontrar outras insculpturas rupestres, as quais permitiram a preparação de artigo remetido para publicação na revista *Ethnos* em 1937, na altura em que as mesmas estavam em risco de ser destruídas pela abertura de uma estrada. Assim se chamaria a atenção dos poderes públicos para a situação que a breve trecho iria ser criada. Porém, tal artigo jamais foi publicado, perdendo-se para sempre texto e ilustrações seu conteúdo e, com eles, a própria estação arqueológica, tal como haveria de acontecer com a de Lanhelas, amarga constatação feita pelo próprio muitos anos depois (VIANA, 1960) (Fig. 7).

No que respeita às manifestações da Cultura Castreja da sua região natal, destacam-se as intervenções conduzidas na Citânia de Santa Luzia e na cidade de Âncora. Quanto à primeira, os estudos iniciaram-se ainda aquando da sua residência no Minho, só se tendo reiniciado em 1953-1954, com o levantamento topográfico das estruturas arqueológicas postas a descoberto, com o apoio do Instituto de Alta Cultura e a cooperação do seu companheiro Manuel de Sousa Oliveira (VIANA & OLIVEIRA, 1955).

Na cidade de Âncora dirigiu campo internacional de arqueologia, o qual não lhe deixou boas impressões, como ele próprio recorda em saborosa missiva remetida ao seu amigo O. da Veiga Ferreira (CARDOSO, 2001-2002), aproveitando ainda para protestar, com conhecida energia e acutilância, a presença de certos arqueólogos de outras nacionalidades cuja mais-valia para a arqueologia que então se fazia entre nós era escassa (VIANA, 1960-1961 a) (Fig. 8).

Ainda no decurso da sua presença minhota, devem-se-lhe estudos pioneiros sobre cartografia arqueológica em Portugal, neste caso sobre o Minho, dando continuidade aos trabalhos de Martins Sarmiento na região (VIANA, 1932) (Fig. 9).

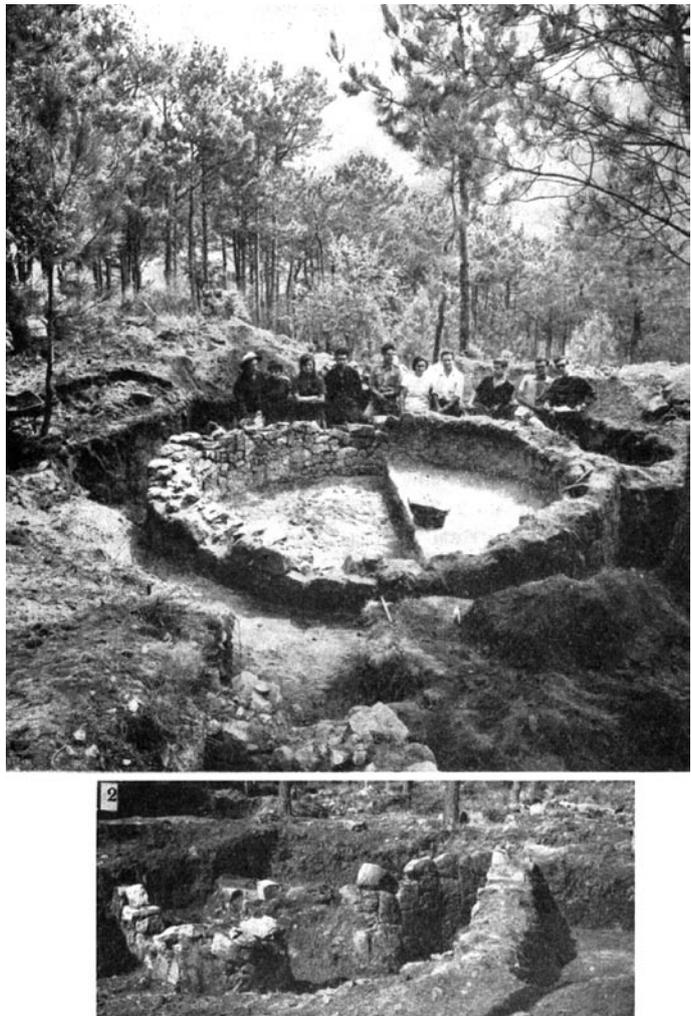


Fig. 8 – Vista das escavações efectuadas na cidade de Âncora (seg. VIANA, 1960-1961 a).

Com efeito, os monumentos identificados pelo ilustre vimaranense foram ao longo do tempo sucessivamente revisitados por Abel Viana, já muito depois de este ter estabelecido definitivamente residência em Beja, dando origem a algumas publicações.

É o caso da gigantesca mamoa de Cova da Moura, no concelho de Viana do Castelo, cuja escavação, feita muitos anos antes da respectiva publicação, proporcionou a recolha de diversas estelas antropomórficas, guardadas no Museu dos ex-Serviços Geológicos de Portugal (VIANA, 1955 a). Tal realidade, extensiva também às ofertas de colecções de indústrias macrolíticas por si recolhidas ao

longo do litoral minhoto àquela instituição, pode parecer insólita a quem tanto carinho sempre dispensou à sua terra natal. Contudo, importa situar a decisão no tempo, dada a convicção de que tais materiais seriam muito mais úteis à investigação se estivessem acessíveis em Lisboa, explicando-se a opção pela sua oferta à referida instituição, em detrimento do Museu Etnológico, devido às tensões entretanto criadas com Manuel Heleno.

Ciente da enormidade de tarefas que a investigação e, sobretudo, a exploração destes monumentos pressupunha, elaborou e publicou uma proposta contemplando os procedimentos de natureza administrativa que poderiam ser adoptados em tal matéria a qual, naturalmente, não teve seguimento (VIANA, 1934-1936). Esta proposta sucedeu, de perto, às tensões criadas entre Manuel Heleno e a maioria dos arqueólogos portugueses, em resultado de diploma que dava a prioridade de intervenção, em qualquer estação do país ao Director do Museu Etnológico. Apesar de esse documento ter sido ser pouco depois substituído por outro mais conforme (CARDOSO, 2011), a verdade é que as tensões jamais se dissiparam.

As preocupações com a gestão e protecção do rico património arqueológico português acompanharam-no ao longo da sua vida, não deixando de as abordar numa das suas últimas obras, significativamente intitulada *Arqueologia Prática* (VIANA, 1962 a), por oposição à “arqueologia teórica”, desligada da prática de terreno e de gabinete, que sempre rejeitou. Ali denunciou corajosamente casos e situações, propondo soluções, as quais, por certo, iriam ter seguimento numa segunda edição da obra, que infelizmente já não teve oportunidade de publicar. Voltar-se-á adiante a este tema.

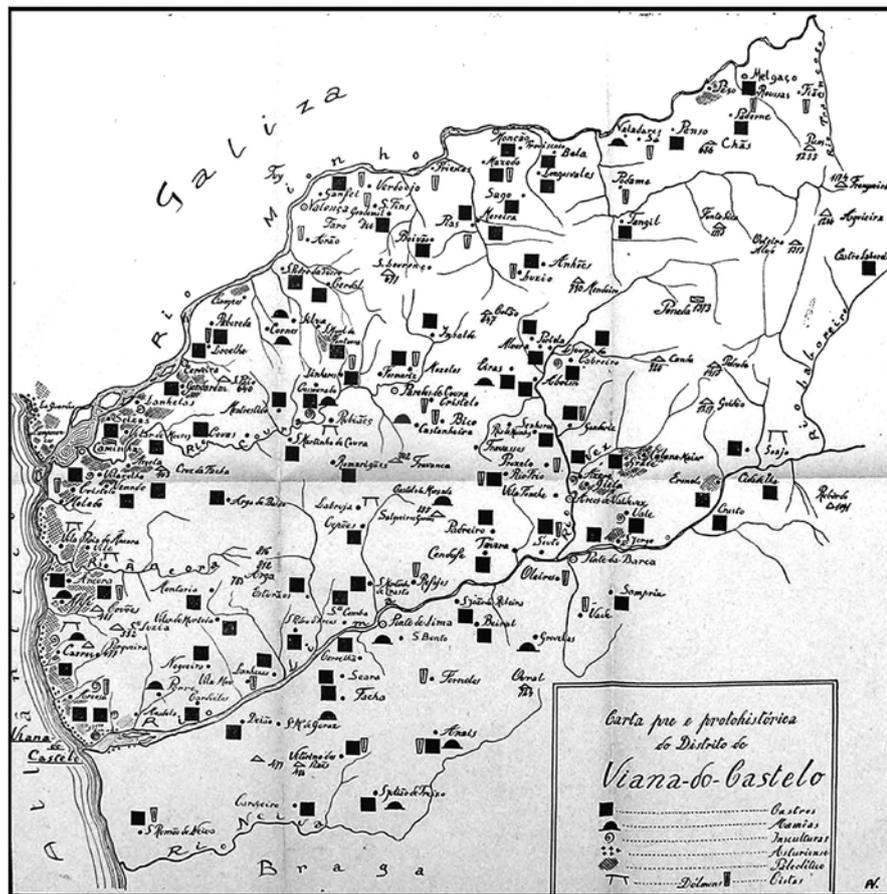


Fig. 9 – Carta arqueológica pré e proto-histórica do concelho de Viana do Castelo (seg. VIANA, 1932).

3 – A ETAPA ALGARVIA

Entre 1933 e 1938, exerceu funções de Inspector e depois de Director do Distrito Escolar de Faro, as quais não lhe deixaram boas recordações, apesar de terem propiciado o encontro com investigadores locais, como José Formosinho, advogado e director do Museu Regional de Lagos, e Mário Lyster Franco, Presidente da Câmara Municipal de Faro. Compulsando as datas das respectivas publicações, verifica-se que estas correspondem à época em que já residia em Beja, facto que não o impediu de continuar a participar activamente em escavações no Algarve. Merecem particular destaque as realizadas na Serra de Monchique (Fig. 10, em cima), conjuntamente com José Formosinho e Octávio da Veiga Ferreira, que conheceu em 1944 (Fig. 10, em baixo), e que depressa se torna seu amigo e discípulo, tal a afinidade de personalidades, como demonstra a correspondência trocada entre ambos e já publicada (CARDOSO, 1993-1994; 2001-2002; 2008). Veiga Ferreira soube conquistar em Abel Viana uma entranhada dedicação, por ele em absoluto correspondida.

Tal ciclo de investigações, que decorreu entre a segunda metade da década de 1940 e os primeiros anos da seguinte (Fig. 11) saldou-se na identificação, escavação e publicação de um conjunto notável de

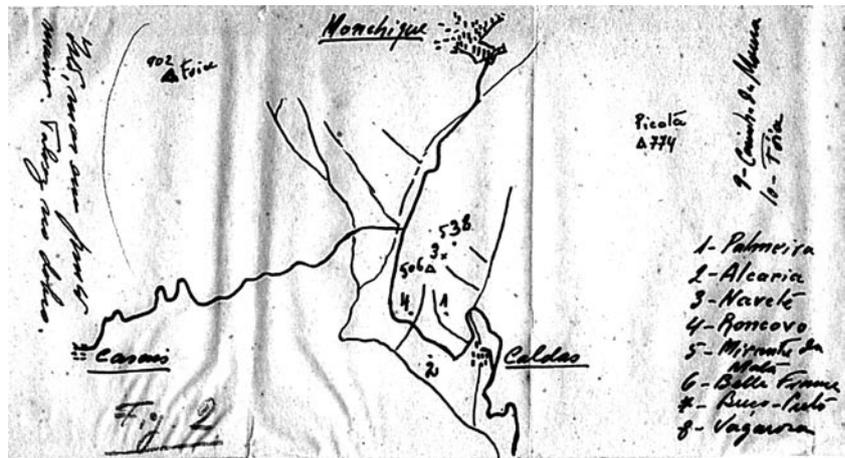


Fig. 10 – Em cima: localização das necrópoles exploradas na serra de Monchique, primeiramente por José Formosinho e Abel Viana, a que se juntou depois O. da Veiga Ferreira; em baixo, da esquerda para a direita, José Formosinho, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, numa pausa das escavações de Monchique, em Setembro de 1947 (arquivo OVF/JLC).

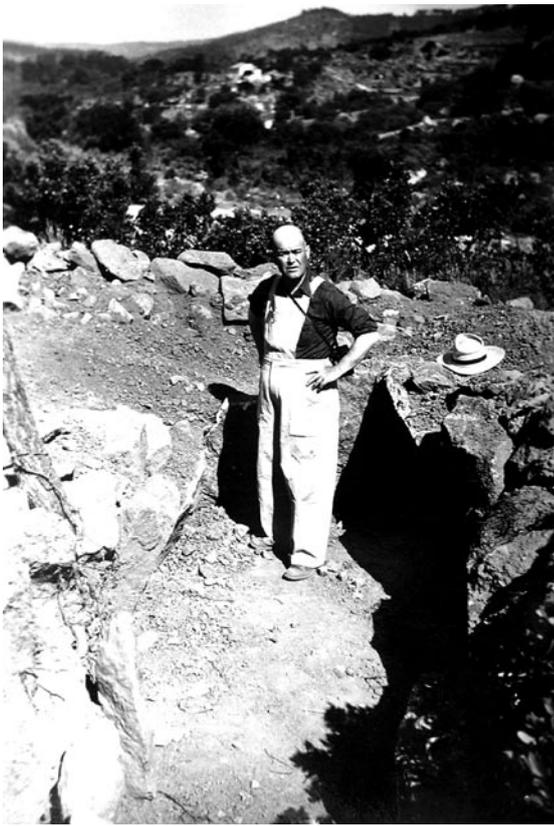
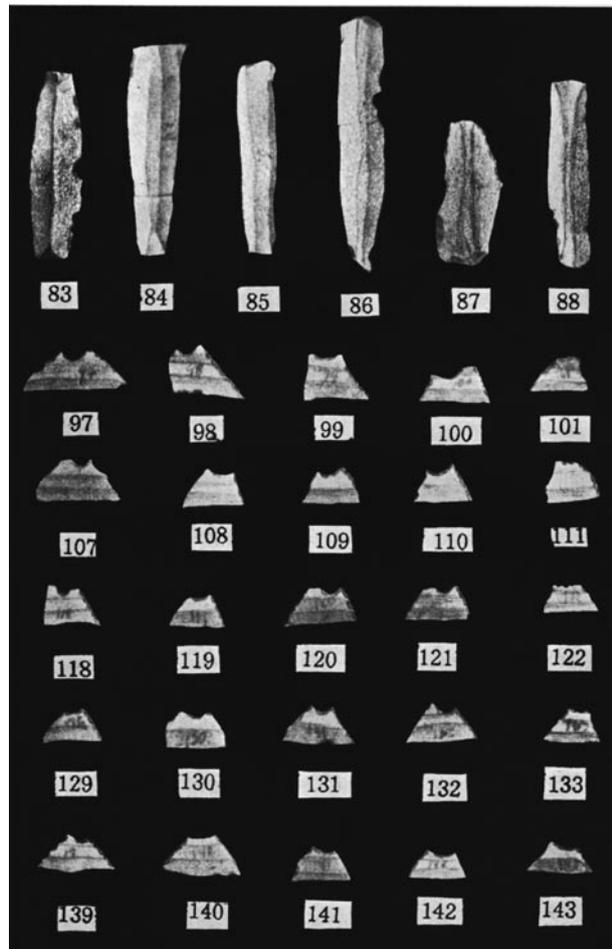


Fig. 11 – Abel Viana no decurso da escavação da necrópole de Buço Preto (arquivo Georges Zbyszewski).



necrópoles cuja tipologia dos espólios, a par da arquitectura dos monumentos, as situa entre o Neolítico Médio e o Calcolítico (Fig. 12). Depois de numerosos contributos específicos, alguns deles publicados em Espanha, destaca-se a rápida preparação de uma importante monografia que faz a síntese dos resultados obtidos nos anos de 1946 e de 1947 (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953/1954), logo seguida de síntese final dos trabalhos ali efectuados entre 1937 e 1949 (VIANA, FERREIRA & FORMOSINHO, 1954). O perfeito entendimento entre os três participantes na empresa, e o empenho, em particular de dois deles (A.V. e O.V.F.), tornou possível, apesar das múltiplas actividades em que

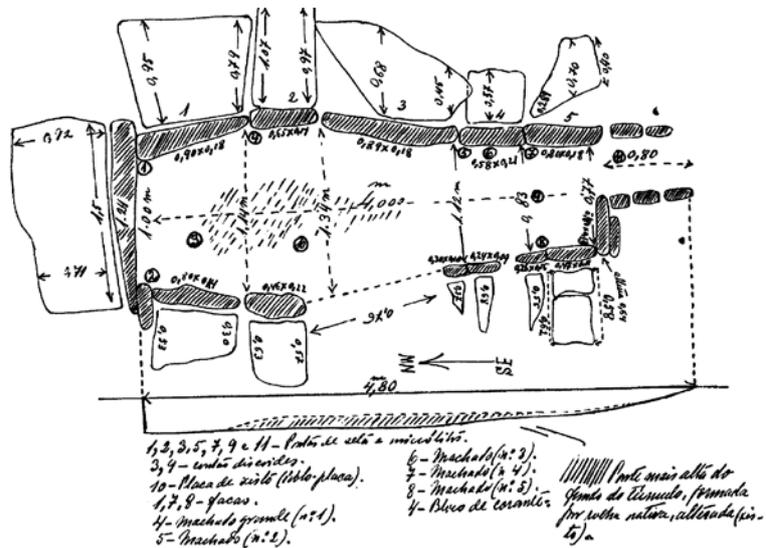


Fig. 12 – Em cima: lâminas, lamelas e geométricos da necrópole de Palmeira (seg. FORMOSINHO, VIANA & FERREIRA, 1953/1954); em baixo: Planta da sepultura 7 da necrópole do Buço Preto, com a localização dos espólios, autógrafa de Abel Viana (arquivo OVF/JLC).

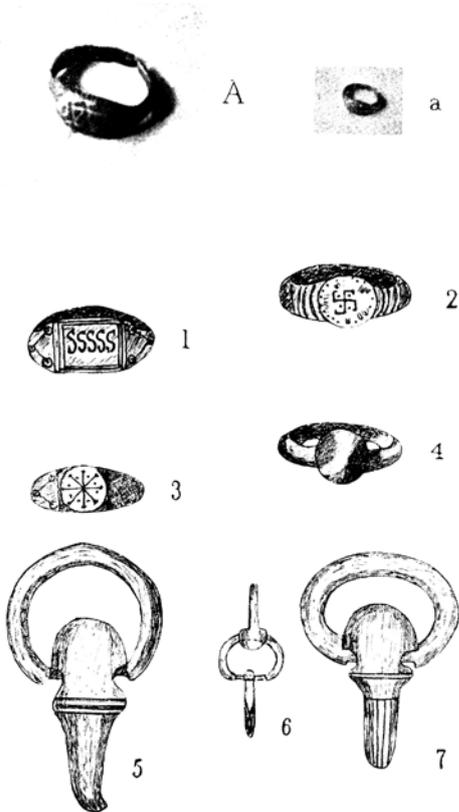
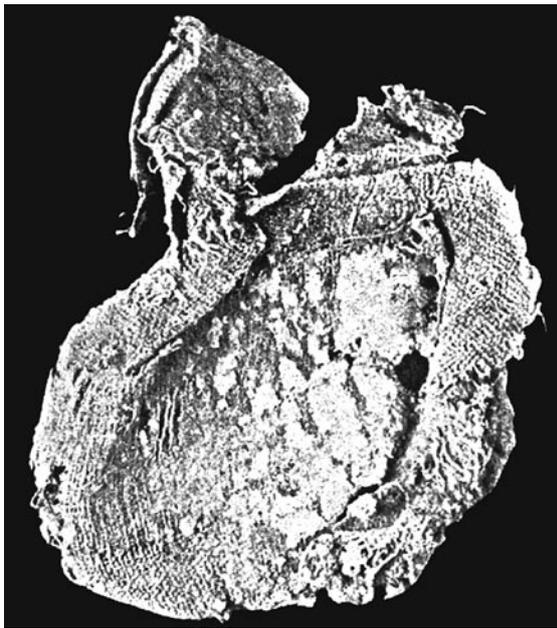


Fig. 13 – *Em cima*: fragmento de tecido de linho que envolvia um machado plano, de cobre, recolhido na sepultura 1 da necrópole de Belle France (seg. FORMOSINHO, VIANA & FERREIRA, 1953-1954); *em baixo*: conjunto visigótico da necrópole de Alcaria comparado com outros artefactos da mesma época (seg. VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1949).

estavam envolvidos, a referida publicação, dando continuidade à publicação de notas avulsas. Destas, merece destaque a publicação de fragmento de tecido de linho (Fig. 13, em cima) que envolvia um machado plano de cobre encontrado numa das sepulturas da necrópole de Belle-France, bem como a de navalha de barbear da Idade do Bronze achada ocasionalmente em Barranco do Banho, a primeira identificada em Portugal (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1947), acompanhando a divulgação de espólios mais modernos, de época romana e visigótica, estes últimos provenientes da necrópole de Alcaria (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1948) (Fig. 13, em baixo).

As escassas intervenções arqueológicas que Abel Viana efectuou enquanto ainda residia em Faro, a antiga Ossonoba romana, centraram-se na própria cidade, tendo sido, por esta via, pioneiro da arqueologia urbana em Portugal, ao escavar a área do largo da Sé, pouco depois da sua chegada à cidade (Fig. 14). Com efeito, logo em Novembro de 1933, pôs à vista restos de estruturas romanas, atribuídas depois ao fórum e ao embasamento de um templo romano, em resultado das escavações que ali voltou a realizar em 1939 (VIANA, 1952, Fig. 4, n.º 5) (Fig. 15). Na intervenção de Novembro de 1933, foi também ali documentada a presença islâmica (VIANA, 1949), devidamente valorizada na respectiva publicação, com a reprodução de alguns artefactos dessa época (Fig. 16). Este facto é para salientar, numa altura em que a Arqueologia islâmica era ainda quase desconhecida e mesmo menosprezada em Portugal. Com efeito, o pioneiro da arqueologia algarvia, Sebastião P. M. Estácio da Veiga, não tivera tempo, em vida, de publicar os achados que fizera daquela época no Algarve, ainda hoje em boa parte inéditos.

Outra intervenção arqueológica realizada por Abel Viana ainda no decurso da sua estada algarvia foi a da necrópole romana do bairro Letes, também situada na periferia da área urbana antiga daquela cidade, publicada também quando já residia em Beja (VIANA, 1951).

Igualmente de muito interesse é, ainda, a notícia da identificação de um provável cemitério de escravos nas vizinhanças de Loulé, em resultado de intervenção realizada em Março de 1938, integrando centenas de esqueletos, desacompanhados de qualquer espólio, com excepção de dois deles, um com duas argolas de

Ao Velha Ferreira - um dos dois grandes
 culpados desta história - e um
 apêndice de abraço.
 Beja, 28/2/1930. Abel Viana

Restos de Ossónoba, no Largo da Sé, em Faro

Oito dias após a minha chegada a Faro (1), ainda movido pela curiosidade própria do recém-chegado, fui visitar o Largo da Sé, dando-me logo na atenção a grande cópia de alicerces arcaicos que na superfície arenosa do Largo significativamente emergiam.

Pouco depois, trocando impressões com o malgrado Dr. Abílio Roseira, foi este de parecer que o abundante estadal de alicerces era vestígio de cemitério árabe.



Fig. 1
Vista parcial do Largo da Sé



Fig. 2
Parte do pavimento do Largo da Sé, mostrando-se aflorados à superfície alguns dos alcerces de paredes

Numerosas e atentas continuaram as minhas inspeções ao local, até que, em 20 de Novembro de 1933, sendo Presidente da Câmara de Faro o meu Ex.^{mo} amigo Sr. Dr. Mário Lyster Franco, e de acordo com o Ex.^{mo} Sr. Dr. Justino de Bivar Weinholtz, Director do Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, fui autorizado a fazer uma sondagem num ponto fronteiro ao pórtico principal da Sé, onde o pé do transeunte calcava o bocal de um *dolium*. (Fig. 1).

(1) A 29 de Abril de 1933. Recolhidos no Museu Arqueológico de Faro os objectos achados durante a escavação, ali se conservaram inéditos até 1939, assim como inéditos se mantiveram os apontamentos tomados durante esta pequena exploração. Só em 1939, temporariamente aliviado de serviços de cargo público, me foi possível ordenar os materiais guardados no Museu e redigir a notícia que saiu em «O Algarve», semanário farense (10 artigos, de 234 a 236), agora recitados definitivamente.

Nos meses de Março e Abril de 1949, o pavimento do Largo da Sé foi por completo

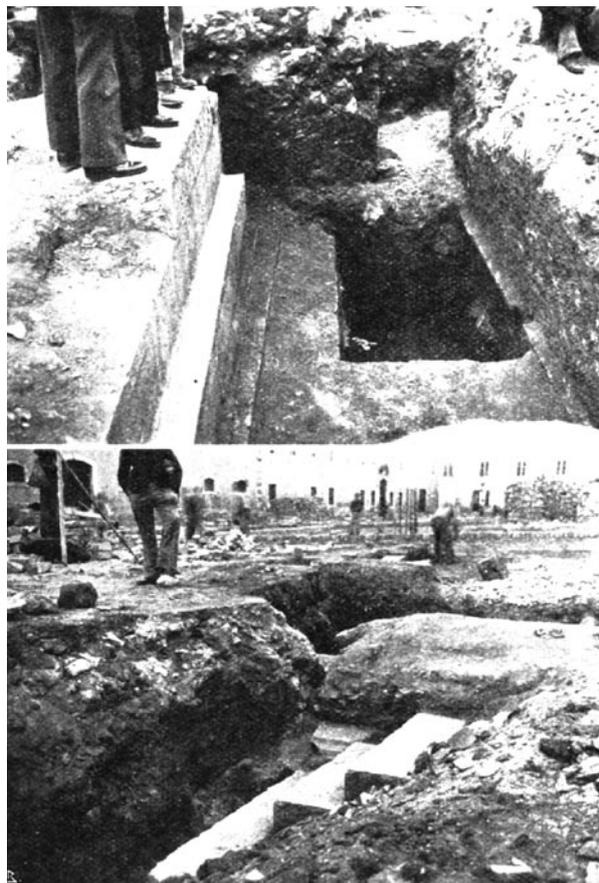


Fig. 15 - Pormenor do pódio de templo romano existente no Largo da Sé, em Faro (seg. VIANA, 1952).

Fig. 14 - Primeira página da separata do trabalho dedicado aos restos arqueológicos do Largo da Sé, em Faro, com expressiva dedicatória de Abel Viana a O. da Veiga Ferreira, que lhe proporcionou a publicação daquele seu trabalho na *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores* (seg. VIANA, 1949).

ferro circundando as tíbias, com o peso aproximado de 1500 g, outro possuindo apenas uma de características idênticas (VIANA, 1948). Esta descoberta é do maior interesse, tendo paralelo próximo na necrópole contendo cerca de 150 esqueletos identificada em 2009 na cidade de Lagos, remontando ao século XV. O facto de Abel Viana ter recolhido um ceitil torna plausível que o conjunto em apreço seja também dessa época. A ser assim, como tudo indica, foi o primeiro achado no seu género, em Portugal, ao contrário do divulgado na maioria das notícias referentes ao cemitério de Lagos.

Destaca-se ainda, no contexto da arqueologia algarvia, a publicação sistemática de estações paleolíticas algarvias da zona de sotavento, dando conti-

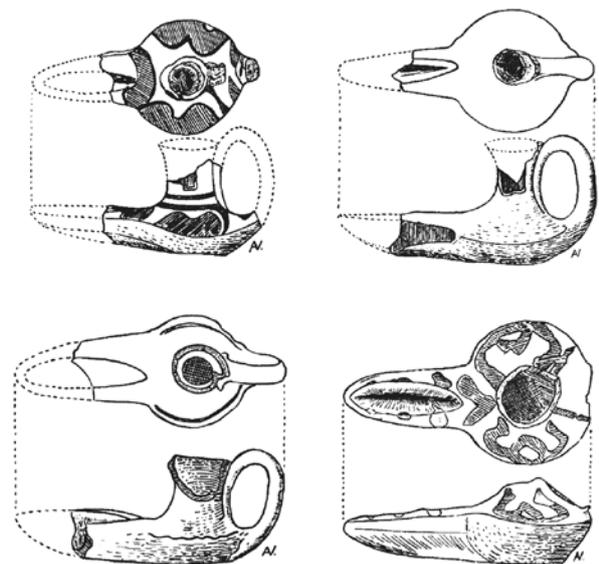


Fig. 16 - Cantis arábicos recolhidos nas escavações do Largo da Sé, em Faro (seg. VIANA, 1949).

nuidade aos trabalhos publicados anteriormente por H. Breuil, M. Vaultier e G. Zbyszewski, com quem publicou artigo subordinado ao mesmo tema. Desses estudos resultou a apresentação da carta de distribuição dos achados (VIANA, 1947) (Fig 17). Deve-se-lhe também a publicação da célebre sepultura de Ferradeira, em 1948 (Fig. 18), a qual fora identificada em 1945 (FRANCO & VIANA, 1948), e que, muitos anos depois, serviu a H. Schubart para definir o horizonte epicampaniforme homónimo (SCHUBART, 1971), abrangendo todo o sul do actual território português, cuja validade se encontra hoje plenamente demonstrada (CARDOSO, 2014).

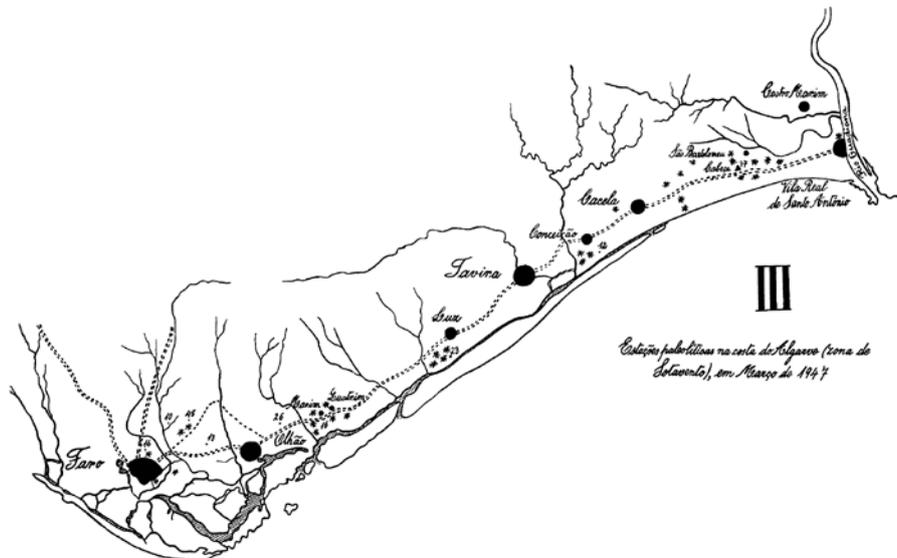


Fig. 17 – Carta da distribuição de estações paleolíticas do sotavento algarvio (seg. VIANA, 1947).

As estações de época romana, naturalmente pela sua maior abundância, também muito o ocuparam: é o caso dos contributos sobre a cidade de Balsa e a necrópole romana de Pedras d’El Rei ou a questão da localização da cidade romana de Ossónoba, que originou importante estudo onde, de forma pioneira, se relaciona a localização da cidade com a evolução geográfica do litoral adjacente (VIANA, 1952).

Ao mesmo tempo, reapreciou colecções depositadas no Museu Regional de Lagos, de que resultaram publicações, como é o caso da que estudam os espólios mais relevantes do Museu Regional de Lagos (VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 a). Trata-se de contributo de carácter diacrónico, onde se caracterizaram todos os locais algarvios – de Aljezur a Olhão – representados nas colecções do referido Museu, incorporando peças inéditas e nalguns casos de excepcional importância, como é o caso da célebre cabeça do imperador Galieno (Fig. 19), mais tarde detalhadamente estudada por J. M. Bairrão Oleiro. A publicações de índole geral, como esta, juntaram-se outras, de carácter mais temático e circunscrito, de que é exemplo o estudo dedicado a peças conservadas no mesmo Museu e atribuídas ao então designado “Bronze mediterrânico”, por influência da periodização de Julio Martínez Santa-Olalla (VIANA; FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 b). Neste artigo, merece destaque a apresentação de alguns achados realizados em sepulturas de falsa cúpula identificadas e escavadas por José

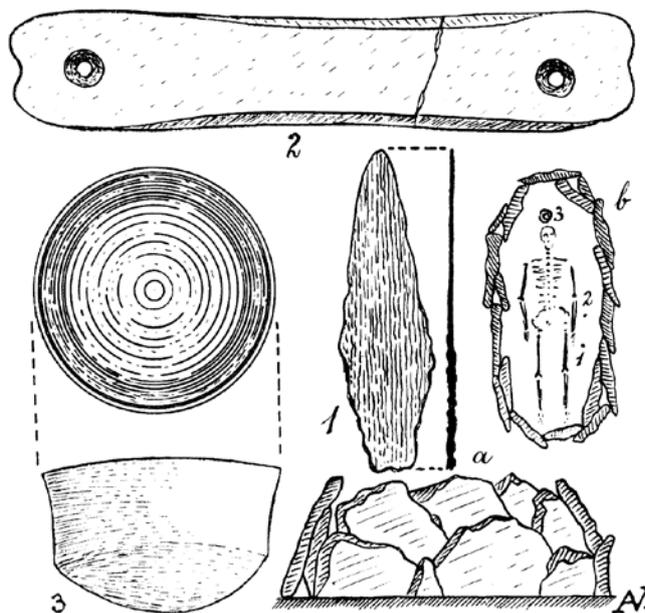


Fig. 18 – Materiais recolhidos na sepultura de Ferradeira e planta da mesma (seg. FRANCO & VIANA, 1948).

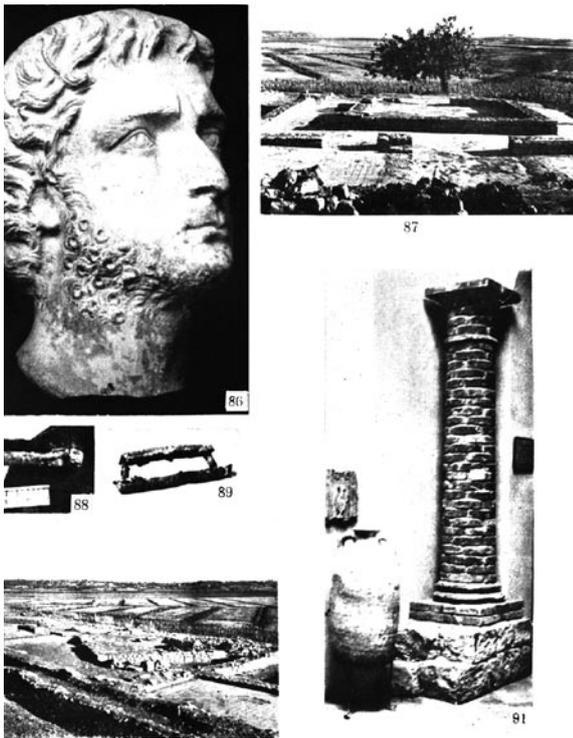


Fig. 19 – Alguns dos espólios estudados no Museu Regional de Lagos, com destaque para a notável cabeça do imperador Galieno (seg. VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953).

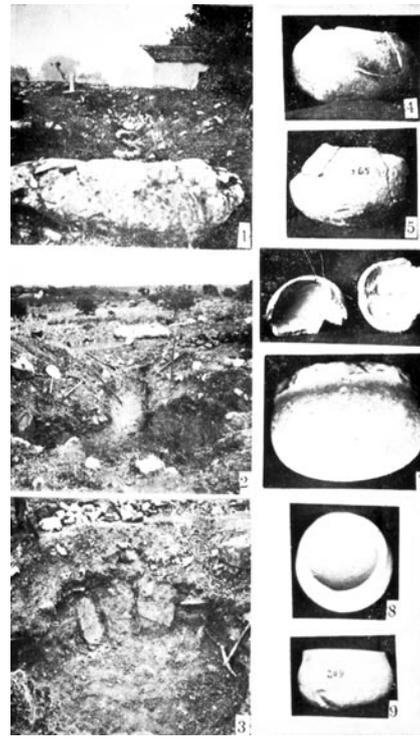


Fig. 20 – Vista do túmulo 8 da necrópole de Alcalar, explorado por José Formosinho na década de 1930 e materiais dele provenientes (seg. VIANA, FORMOSINHO & FERREIRA, 1953).

Formosinho na década de 1930 da notável necrópole calcólica de Alcalar explorada nos finais do século XIX por Estácio da Veiga (Fig. 20).

Podem ainda mencionar-se alguns contributos de temática mais circunscrita, como é o caso do dedicado ao capacete céltico do Museu Regional de Lagos (VIANA; FORMOSINHO & FERREIRA, 1953 c) cuja real importância não carece de ser sublinhada (Fig. 21).

A importância que Abel Viana atribuía aos museus regionais, que, como o de Lagos, conservava notáveis espólios postos à disposição dos especialistas, dos quais ele foi um dos principais estudiosos, os quais se encontravam também acessíveis a todos os interessados pelo rico património arqueológico português, numa fase em que este começava a ser generalizadamente ameaçado, quer pela mecanização da agricultura, quer pela desequilibrada ocupação sazonal do litoral algarvio, encontra eco nestas suas declarações: “*Circunstâncias muito especiais nos permitem acompanhar de perto a organização e desenvolvimento deste museu. Sabemos dos trabalhos e canseiras, arrelias e diligências, anseios e satisfações desenvolvidos e intensamente vividos por seu fundador e preclaro director, Dr. José Formosinho, com o qual, além da velha e sólida amizade que nos une, temos tido a honra e gosto de cooperar em várias campanhas de investigação arqueológica na zona de Barlavento daquela esplendorosa província, autêntica jóia natural de Portugal e da Europa.*” (VIANA, 1959 a, p. 13).

4 – A ETAPA ALENTEJANA, OU A SÍNTESE DE UMA VIDA DEDICADA À ARQUEOLOGIA

A sua fixação definitiva na cidade de Beja correspondeu sem dúvida à fase mais profícua da sua actividade científica, acompanhando a plenitude do seu amadurecimento como investigador: depois de um curto

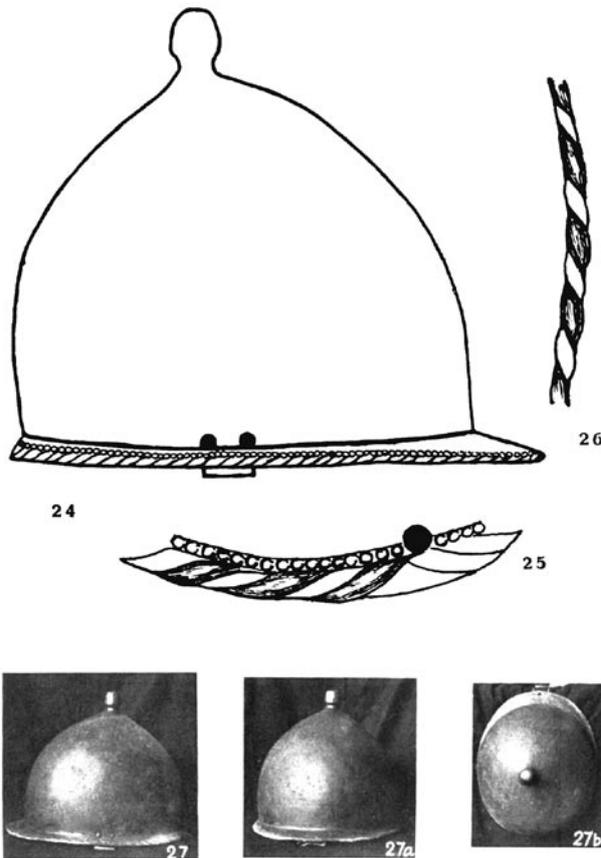


Fig. 21 - O capacete céltico do Museu Regional de Lagos (seg. FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1950).

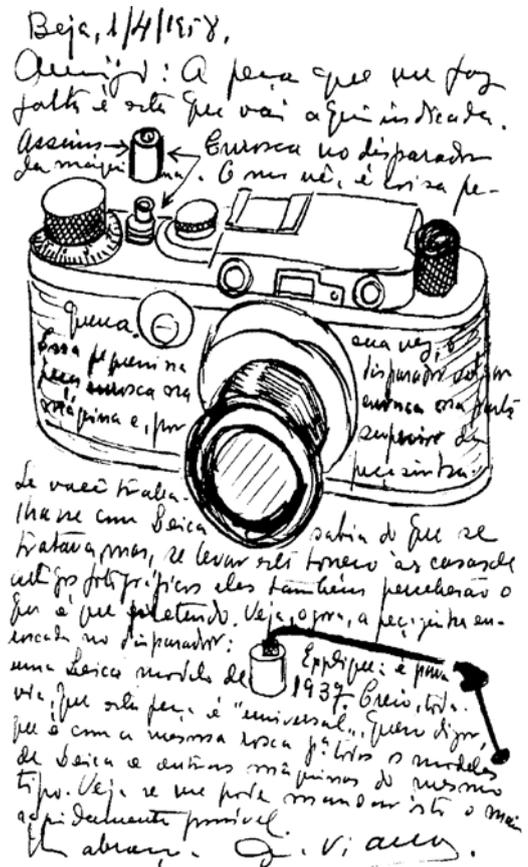


Fig. 22 - Postal de 22 de Abril de 1958, solicitando a O. da Veiga Ferreira a compra de uma peça para a sua máquina fotográfica "Leica" (arquivo OVF/JLC).

período, em 1938, em que assumiu as funções de Director do Distrito Escolar de Setúbal, em 1939 voltou a exercer funções de professor primário, pelas quais já havia sido condecorado com o grau de oficial da Ordem da Instrução Pública pelo Presidente da República em 1933, dada a sua obra em prol do Ensino Primário, acumulando agora com as funções de Adjunto do Distrito Escolar de Beja.

A partir de 1 de Janeiro de 1945, e até à data do seu falecimento, em 1964, obteve bolsa do Instituto para a Alta Cultura que lhe permitiu dedicar-se em exclusividade à Arqueologia, liberto das tarefas lectivas e administrativas até então desempenhadas. Tal desafio explica muito do seu incansável labor, quase totalmente dedicado à Arqueologia, repartido embora por diversas iniciativas de carácter etnográfico, como festas, festivais e concursos, com destaque para as festas da Senhora da Agonia, realizadas na sua cidade natal. Tal situação leva a atribuir a Abel Viana o estatuto de primeiro arqueólogo profissional português depois de Estácio da Veiga que, no século XIX, tinha obtido idêntico estatuto por via da contratualização com o Estado da execução da Carta Arqueológica do Algarve. Não se creia, contudo, que a partir do momento em que passou a ser bolseiro do Estado, Abel Viana tenha usufruído de vida economicamente mais desafogada. Pelo contrário, as suas actividades arqueológicas, desta forma potenciadas, requeriam cada vez maiores disponibilidades financeiras, fosse para custear deslocações e estadas, fosse para assegurar a compra de material de escrita e de desenho. A penúria com que se confrontava, agravada pelo isolamento da sua vida quotidiana em Beja, explicam os frequentes pedidos a O. da Veiga Ferreira para o envio de tais materiais (CARDOSO, 2001-2002; CARDOSO, 2008), indo ao ponto de pedir ajuda para a compra de uma peça para o conserto da sua máquina fotográfica (Fig. 22).

A pronta resposta a tais pedidos cimentou ainda mais as relações entre ambos, corporizada pela oferta de fotografia autógrafo (Fig. 23), com expressiva dedicatória.

A regularidade dos trabalhos publicados no *Arquivo de Beja*, revista editada pela Câmara Municipal de Beja da qual Abel Viana foi o redactor desde o n.º 1, saído em 1944, até à data do seu passamento, vinte anos depois, evidenciam a constância do empenho, além do seu espírito multifacetado, publicando de forma que quase se diria compulsiva, documentação que abarcava domínios tão diversos quanto a Literatura, a História, a História de Arte, a Arqueologia de diversas épocas, a Etnografia, a Numismática, e a Epigrafia, entre outros.

Seguindo o exemplo do seu Mestre J. Leite de Vasconcelos relativamente à linha editorial d'O *Arqueólogo Português*, não lhe repugnava publicar informação em bruto, registando-a embora de forma rigorosa, deixando para outros e sobretudo para os vindouros o seu cabal aproveitamento científico. Paradigma desta estratégia, são as suas célebres crónicas a que deu o nome "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", que regularmente publicou no *Arquivo de Beja* ilustradas por fotografias que, para poupar espaço e dinheiro, eram montadas a granel, misturando a reprodução dos objectos a diversas escalas e de temáticas tão heterogéneas quanto diacrónicas.

Assumia sem complexos as suas limitações científicas, ao publicar espólios que requeriam a opinião de especialistas; mas, mesmo assim, publicava-os, na perspectiva de disponibilizar àqueles informação que, cedo ou tarde, lhes poderia ser útil. Assim se explica, por exemplo, a sua incursão no difícil campo da Numismática, ao publicar na revista *Musev*, diversos numismas das cunhagens autónomas romanas das cidades hoje situadas no território português, declarando significativamente: "E mais não sei dizer. Reclamando para êstes exemplares, achados recentemente na própria região de Beja, Serpa e Mértola, a observação dos especialistas, suponho fazer algum serviço à numismática nacional." (VIANA, 1943 b).

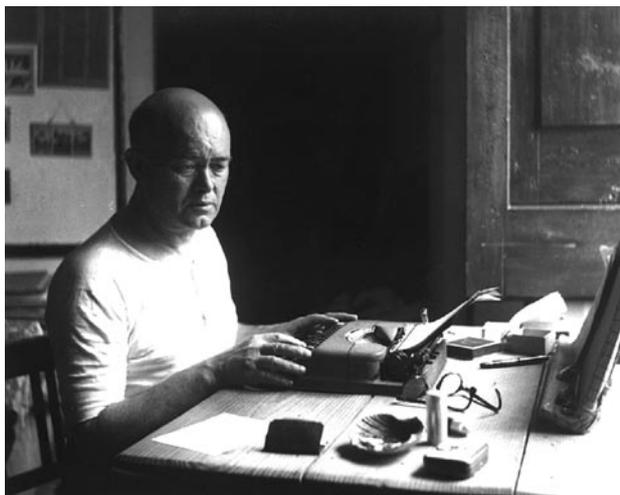


Fig. 23 – Foto de Abel Viana, na sua casa de Beja, oferecida a O. da Veiga Ferreira com esta dedicatória: "Ao Querido Amigo, Octávio da Veiga Ferreira. Pianando os nossos relatórios, com 30º à sombra. Beja, Setembro de 1950. Abel Viana" (arquivo OVF/JLC).



Fig. 24 – Conjunto de numismas arábicos (na quase totalidade quirates almorávidas) do tesouro de Vale de Açor (Mértola) (seg. VIANA, 1956).

Também a publicação de um conjunto de numismas árabes, na sua larga maioria quirates almorávidas, provenientes de um tesouro de Vale de Açor (Mértola) (VIANA, 1956 b) teve por objectivo essencial dar a conhecer tal achado, bem documentado através de belas fotografias (Fig. 24), deixando para a posterioridade o seu estudo sistemático, que a tanto não chegavam os seus conhecimentos. Assim construiu o mais notável repositório de informações de interesse histórico-arqueológico reunido por uma só pessoa, no território baixo-alentejano.

Claro que nalguns casos a sua perspicácia não foi suficiente para produzir diagnósticos certos. Mas tais situações revelam, simplesmente, que os conhecimentos então existentes não eram suficientes para se chegar a bom porto, nada tendo que ver com a capacidade intrínseca do investigador. Um dos exemplos mais interessantes desta realidade foi a publicação da “mamoa” do Marchicão, nas proximidades de Aldeia de Palheiros, em Ourique (VIANA, 1962 b). Tratava-se, de facto, de estruturas habitacionais de planta ortogonal, da Idade do Ferro (Fig. 25), como Caetano Beirão demonstrou cerca de uma década depois (BEIRÃO, 1986).

Se esta opção por publicar notas esparsas, muitas vezes insuficientemente documentadas, pode chocar hoje, num mundo de publicações formatadas, foi precisamente esse procedimento pragmático que permitiu assegurar a salvaguarda pelo registo de muitas ocorrências e espólios cuja existência, de outra forma, se perderia definitivamente. Tais notícias passavam amiúde quase despercebidas, como foi o caso da relativa à identificação da notável estação romano-republicana e que viria depois a constituir fortificação islâmica de época almóada das Mesas dos Castelinhos, Almodôvar (VIANA, FERREIRA & SERRALHEIRO, 1957) sítio transformado, por via dos trabalhos ali desenvolvidos nos últimos 25 anos por uma equipa dirigida por Carlos Fabião e Amílcar Guerra numa das mais notáveis estações arqueológicas do País. Dada a conhecer em 1957, foi apenas a destruição de uma parte significativa do sítio arqueológico, na segunda metade da década de 1980, por um

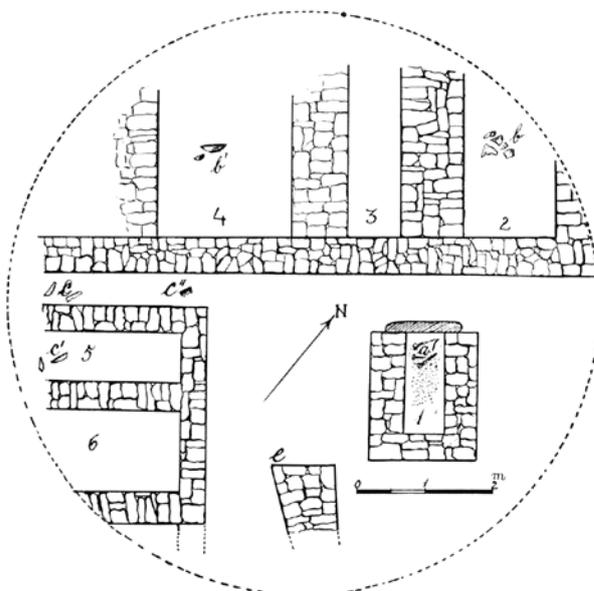


Fig. 25 - Planta da “mamoa” de Marchicão (seg. VIANA, 1962b).

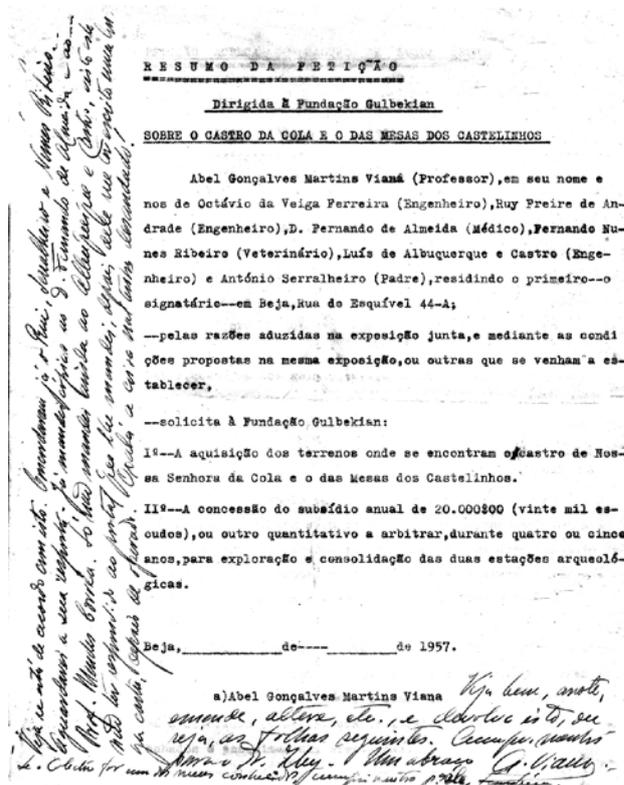


Fig. 26 - Resumo da petição subscrita em 1957 por Abel Viana à Fundação Calouste Gulbenkian para a aquisição dos terrenos de Mesas dos Castelinhos e do castro da Senhora da Cola, tendo em vista o estudo planeado das estações com base em financiamento disponibilizado pela referida Fundação (arquivo OVF/JLC).

“sonhador de tesouros” que viria a chamar a atenção das entidades oficiais para a estação, tornando ainda mais importante a documentação iconográfica então publicada, quando ainda se encontrava incólume. Caso tivesse sido levado por diante o Projecto relativo à investigação daquela estação arqueológica, em estreita articulação com a exploração do castro de Nossa Senhora da Cola, conforme era intenção Abel Viana em 1957, a destruição de parte significativa da mesma teria sido evitada (Fig. 26).

A par destes estudos esparsos ditados pelas circunstâncias, Abel Viana desenvolveu estudos de fundo, que requereram muitos meses de trabalho de campo e de gabinete. Sob este aspecto, são particularmente interessantes os resultados das prospecções efectuadas no decurso de 1944 no vale do Guadiana em colaboração com Mariano Feio e com a participação de Amílcar Patrício, preparando o primeiro dos quais estudo sobre os terraços do Guadiana a jusante do Ardila. Visitaram-se, então, e pela primeira vez se registaram de forma sistemática, os retalhos mais importantes desses depósitos formados pelo antigo curso fluvial, recolhendo-se exaustivamente as indústrias macrolíticas com que se deparavam, tanto à superfície como em cortes estratigráficos naturais. Tal manancial de informação, foi de imediato publicada em diversas revistas, por vezes em artigos de síntese (VIANA, 1945), de trabalhos mais extensos, publicados em números sucessivos do *Arquivo de Beja* (VIANA, 1945-1947) (Fig. 27). Estes trabalhos pioneiros, em que a caracterização geológica dos terrenos quaternários distribuídos ao longo de vasto trecho do importante rio peninsular foi acompanhada da classificação arqueológica dos materiais arqueológicos, terão sido directamente inspirados nos trabalhos realizados poucos antes nos terraços do baixo vale do Tejo por H. Breuil e Georges Zbyszewski (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, 1945). Desta forma foi possível evidenciar a extraordinária riqueza do baixo vale do Guadiana em indústrias líticas de diversas épocas, com destaque para as fini- e pós-glaciárias de tipo languedocense. Não se esqueça, contudo, que o mesmo princípio já havia sido por si aplicado, ainda que de forma muito limitada (VIANA, 1929 a), aquando do estudo das indústrias paleolíticas recolhidas nos terraços do rio Minho, como atrás se referiu.

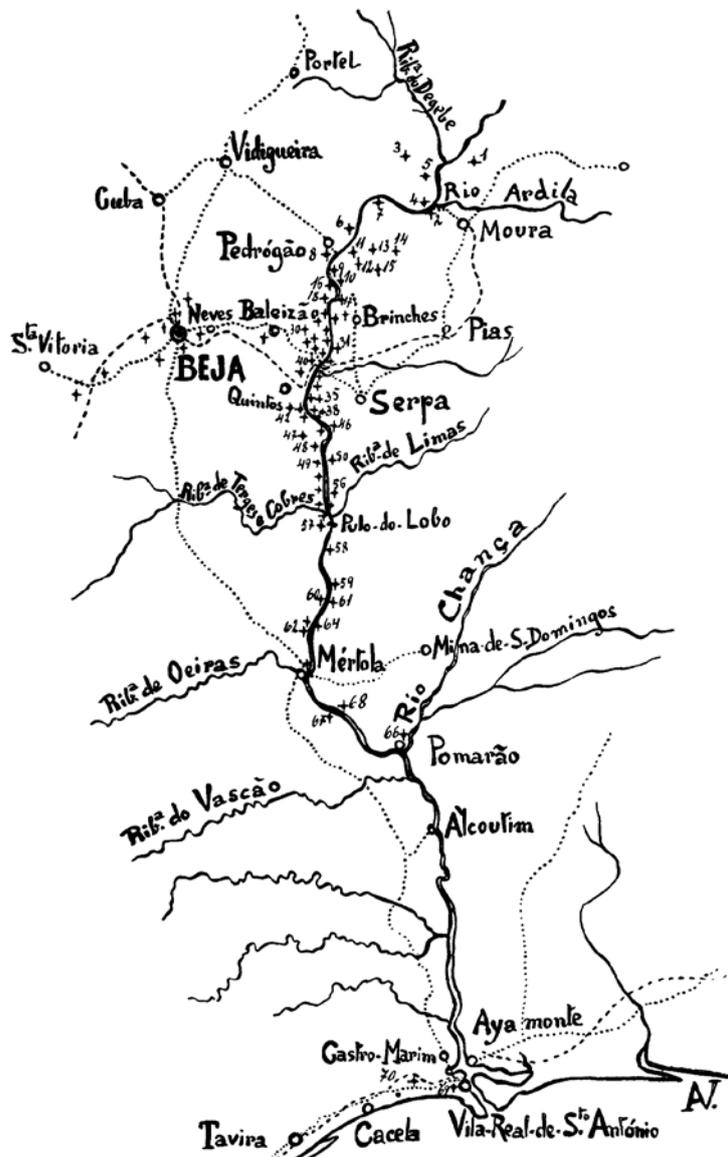


Fig. 27 – Distribuição das estações paleolíticas do vale do Guadiana (seg. VIANA, 1945).

Esta missão de estudos, com dois companheiros geógrafos que por certo completaram lacunas na sua formação científica, deve ter dado grande prazer a Abel Viana; com efeito, pela mesma época, aquando da deslocação a Espanha para participar em reunião científica, não deixou de, no caminho, recolher alguns exemplares paleolíticos, depois por si publicados, declarando, a tal propósito: “*Apesar da abundância de tão poderosos atractivos da curiosidade, em todo o percurso por mim efectuado, de Ayamonte a Córdoba, por Huelva e Sevilha, e depois, na volta, por Granada, não me passaram despercebidos alguns factos relacionados com um dos géneros de estudos mais da minha predilecção e ao qual me consagro sempre que as circunstâncias o permitam,*” (VIANA, 1946, p. 61).

A preocupação pela identificação, estudo e conservação dos testemunhos histórico-arqueológicos que, a par e passo, apareciam no manancial que era a região onde vivia e trabalhava, explicam também o seu envolvimento como catalogador dos preciosos espólios do Museu Regional de Beja, instituição com a qual manteve sempre relações difíceis, suspensas em 1950, apesar dos cargos oficiais que detinha localmente: Delegado em Beja da Junta Nacional da Educação (antiguidades, escavações e numismática, artes plásticas, museus e monumentos); Secretário-Geral do Centro de Estudos do Baixo Alentejo; e Vogal da Comissão de Arte e Arqueologia da Câmara Municipal de Beja.

Na cidade de Beja desempenhou activo papel no registo dos achados arqueológicos que a par e passo se faziam, sempre que se abria um roço para obras no seu casco antigo. Foi assim que ali desenvolveu de novo actividades no campo da Arqueologia urbana, ao identificar o pódio de mais um templo romano, que se somou ao por si identificado muitos anos antes no Largo da Sé, em Faro, e ao salvar importantes elementos arquitectónicos e artísticos que hoje em dia se conservam no respectivo Museu Regional. Num dos vários contributos para a salvaguarda dos vestígios arqueológicos do subsolo da antiga cidade romana, declara: “*Durante as obras da rede de esgotos realizadas nesta cidade desde o final de 1955, apareceram vários elementos arquitectónicos da cidade romana, alguns dos quais foram louvavelmente recolhidos por José Mourão na praça d’armas do Castelo, já que o Museu Regional de Beja, há mais de seis anos sem director nem direcção adequada, continua impossibilitado de agir como cumpria ao desenvolvimento da instituição e à defesa do património arqueológico e artístico da cidade.*” (VIANA, 1956 b). Esta transcrição ilustra também o ambiente existente entre Abel Viana e os responsáveis pelo Museu de Beja, apesar dos importantes contributos para o estudo das colecções que se lhe ficaram a dever.

Não era só a arqueologia de cidade que lhe interessava: o seu espírito curioso e sempre atento era amiúde desviado para a multiplicidade e diversidade da realidade que se lhe oferecia a par e passo: disso é prova, por exemplo, o interessantíssimo registo de um símio (Fig. 28), por ele identificado numa pintura a fresco sob os azulejos quinhentistas da Sala do Capítulo do Convento da Conceição (VIANA, 1957).

Outras instituições de Beja beneficiaram também da actuação de Abel Viana. É o caso dos códices da Igreja da Misericórdia por si salvos de uma destruição mais do que certa “*Transportados para a Biblioteca Municipal de Beja, os códices que, na extinta Igreja da Misericórdia, estavam entrando na última fase do aniquilamento, tomei-os a meu cuidado, limpando-os e ordenando-os eu mesmo. [...].*” (VIANA, 1943 a).

Diversas regiões do País interessaram Abel Viana no decurso da sua última etapa de vida; compaginando os trabalhos que prosseguiu a partir de Beja, onde residia, vêmo-lo sempre disponível para participar em escava-

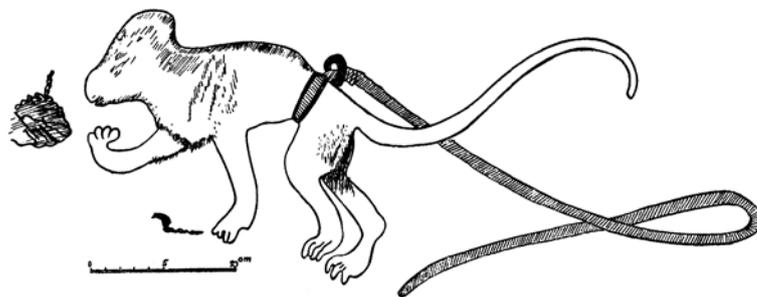


Fig. 28 – Símio pintado a fresco, na sala do Capítulo do Convento da Conceição, em Beja, identificado por Abel Viana sob a cobertura azulejar hispano-mourisca ali existente (seg. VIANA, 1957).

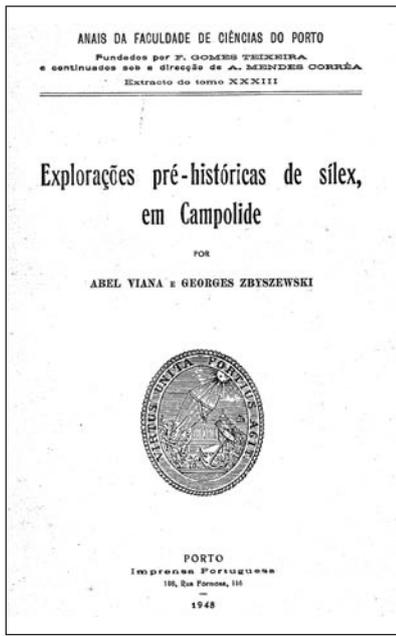


Fig. 29 – Capa da separata da publicação dedicada às minas pré-históricas de sílex de Campolide (seg. VIANA & ZBYSZEWSKI, 1948).

ções arqueológicas em variadas regiões do País, integrado nas iniciativas de outros arqueólogos seus amigos, especialmente de O. da Veiga Ferreira. Mercê das possibilidades oferecidas pela sua situação profissional, eram frequentes as vindas a Lisboa, desde a década de 1940, aproveitadas para trabalhar com O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, das quais resultaram diversas publicações, em alguns casos retomando importantes questões arqueológicas, como o estudo das minas de sílex de Campolide (ZBYSZEWSKI

& VIANA, 1947) (Fig. 29), estudadas anteriormente pelo eminente geólogo Paul Choffat, ou o estudo do Paleolítico dos arredores de Beja (VIANA & ZBYSZEWSKI, 1952). Tais sessões de trabalho, nos Serviços Geológicos de Portugal, eram compaginadas com visitas a estações dos arredores de Lisboa, como as antas de Belas (Fig. 30) e o povoado calcolítico fortificado do Zambujal, onde se fez fotografar junto de uma das torres ali postas a descoberto e publicada por E. Jalhay (JALHAY, 1947) (Fig. 31), antes da intervenção ali dirigida por E. Sangmeister e H. Schubart entre 1964 e 1973, sob a égide do Instituto Arqueológico Alemão.



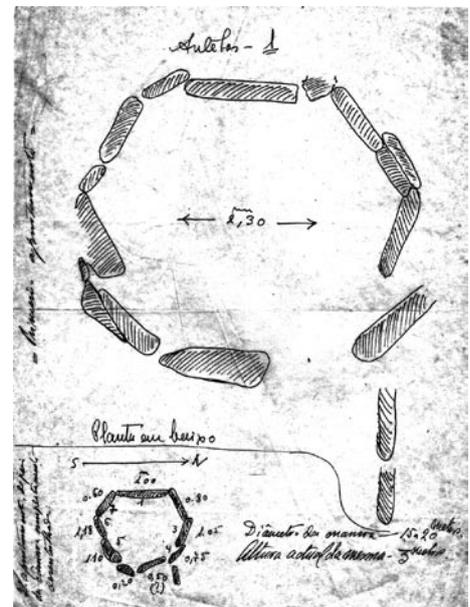
Fig. 30 – Abel Viana, fotografado junto do dólmen da Pedra dos Mouros (Sintra), na década de 1950 (arquivo OVF/JLC).



Fig. 31 – Abel Viana, fotografado no povoado pré-histórico do Zambujal (Torres Vedras), na década de 1950 (arquivo OVF/JLC).



Fig. 32 – Abel Viana fotografado junto do dólmen da Pedra da Moura (Sever do Vouga), na segunda metade da década de 1950 (arquivo OVF/JLC).



Mas a mais importante dessas iniciativas arqueológicas fora do Baixo Alentejo, foi a do estudo do megalitismo da bacia do Vouga (Fig. 32), com Veiga Ferreira e Luís de Albuquerque e Castro, destacando-se o estudo e publicação do notável dólmen pintado de Antelas, Oliveira de Frades (FERREIRA, VIANA & CASTRO, 1957), seguramente o mais notável exemplo de arte megalítica existente no território português (Fig. 33).

O estatuto de Abel Viana como arqueólogo foi reforçado quando passou a realizar as suas investigações sob a égide do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Faculdade de Ciências do Porto, dirigido pelo Prof. António Augusto Mendes Corrêa, centro do qual também foi bolseiro.



Fig. 33 – Em cima: planta autógrafa de Abel Viana do dólmen de Antelas; em baixo: vista da escavação do mesmo (arquivo OVF/JLC).

Tal ligação permitiu-lhe enfrentar certas dificuldades movidas pelo Prof. Manuel Heleno, sobretudo as relacionadas com as importantes necrópoles de incineração da Idade do Ferro da região de Elvas, como as da Herdade da Chaminé, da Cardeira e da Herdade do Padrãozinho 2 (Fig. 34), situadas em terrenos da Fundação da Casa de Bragança, as quais foram identificadas e exploradas em época antecedente por António Dias de Deus e António Luís Agostinho. Com aquele estabeleceu relação, através do então director do Museu de Elvas, Domingos Lavadinho (ROLO, 2014), da qual resultou importantes publicações, só interrompidas pelo falecimento de Dias de Deus em 1955.

A importância científica dos espólios ali recuperados não passou despercebida ao então Director do Museu Etnológico, que, por mandato obtido da Junta Nacional da Educação, assumiu a liderança das investigações, retirando a Dias de Deus e a Abel Viana a possibilidade de dar continuidade às mesmas. Contudo, o único estudo por ele publicado, que na verdade constitui o parecer apresentado à referida Junta a 17 de Dezembro de 1949 (HELENO, 1951), baseia-se apenas na apresentação dos melhores materiais anteriormente exumados (Fig. 35), sem mais nada ter produzido de sua iniciativa, tanto no terreno, como no gabinete, contrariamente ao que ele próprio se propunha fazer no referido parecer.

É certo que a exploração dessas necrópoles, realizada por aqueles dois amadores locais não se fez nas melhores condições científicas, mesmo considerando os padrões vigentes à época. Mas é igualmente certo que, a não ter sido assim, tudo se perderia, na voragem da introdução da mecanização da agricultura daqueles férteis campos do noroeste alentejano. Abel Viana, embora tivesse assumido apenas o papel de estudioso dos espólios já anteriormente recuperados, não deixou

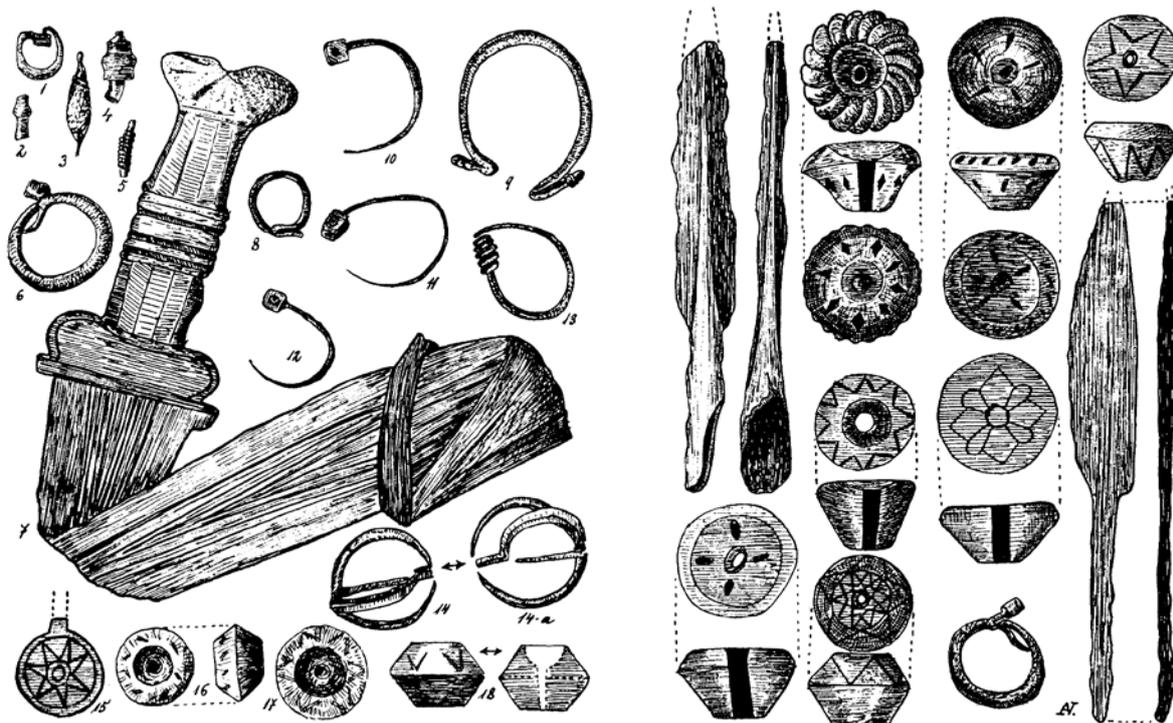
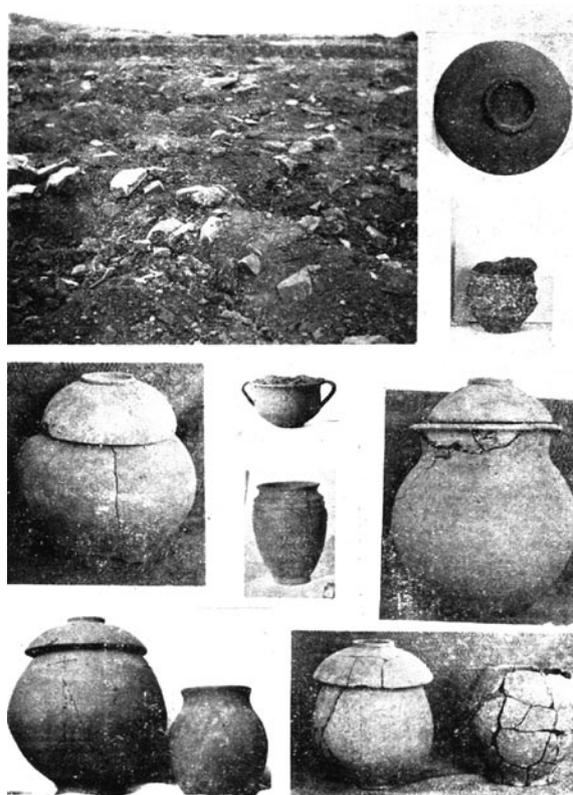


Fig. 34 - Em cima: urnas de incineração da Idade do Ferro da necrópole da Herdade da Chaminé (seg. VIANA & DEUS, 1951); em baixo: materiais da mesma necrópole (seg. VIANA & DEUS, 1950).

de sentir a injustiça feita por Manuel Heleno a Dias de Deus, assumindo-a como se a si mesmo tivesse sido dirigida. Assim se explica a publicação de pequeno opúsculo de desagravo à memória do amigo desaparecido (VIANA, 1956 c), bem como a lancinante carta endereçada ao Prof. Mendes Corrêa de 13 de Dezembro de 1949 a pedir a sua intervenção, já publicada (CARDOSO, 2011). Tal pedido teve resposta imediata, por via do seu então colaborador próximo, O. da Veiga Ferreira a qual, pelo seu interesse, se reproduz (Fig. 36). A ligação institucional ao Centro de Estudos de Etnologia peninsular e a Mendes Corrêa, bem explícita na missiva em apreço, explica o acolhimento desde logo dispensado a Abel Viana nas páginas dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, onde procedeu de imediato à publicação de um extenso trabalho dedicado à arqueologia elvense (VIANA, 1950), onde se reproduzem alguns dos espólios das necrópoles da Idade do Ferro, com destaque para os da Chaminé.

Tais publicações foram acompanhadas de outras, relativas às necrópoles elvenses de época romana, cujos espólios, na sua maioria, ainda hoje se conservam no Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, no castelo de Vila Viçosa, instituído pela Fundação da Casa de Bragança. Ali acorria frequentemente Abel Viana, produzindo belas publicações publicadas pela Fundação (VIANA, 1955 b), a par de outras, como é o caso da colecção de vidros romanos (Fig. 37) (VIANA, 1960-1961 b), depois reestudados por Jorge e Adília Alarcão, no início das suas carreiras científicas. As escavações realizadas por Dias de Deus em diversos dólmenes da região elvense foram também objecto de sucessivos estudos (Fig. 38), conservando-se alguns desses espólios no Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, à semelhança dos anteriormente referidos, pelo facto de as herdades de onde provêm serem património da Fundação. O estudo de materiais de épocas mais modernas desper-

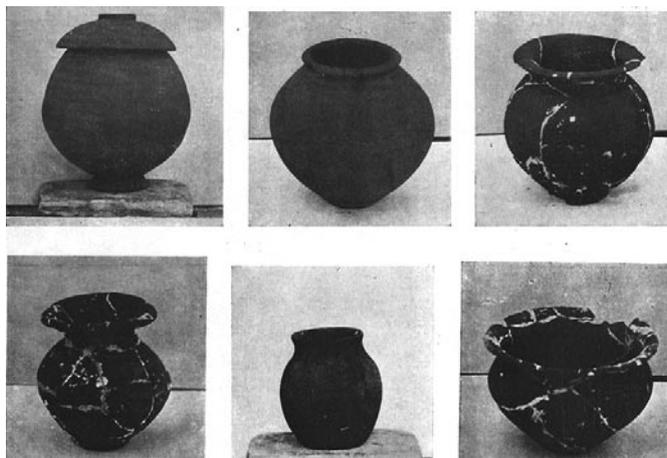


Fig. 35 – Urnas da necrópole da Herdade da Chaminé (seg. HELENO, 1951).

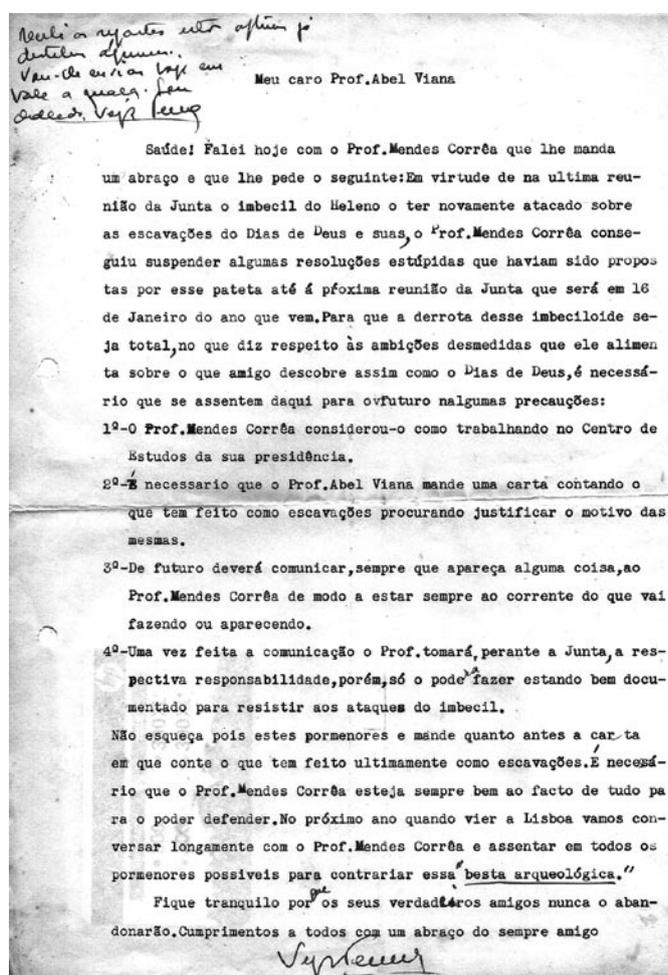


Fig. 36 – Carta de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana, não datada (escrita entre 13 e 17 de Dezembro de 1949), relativa ao diferendo criado com Manuel Heleno, decorrente das intervenções nas estações da Idade do Ferro e romanas da região de Elvas (arquivo OVF/JLC).

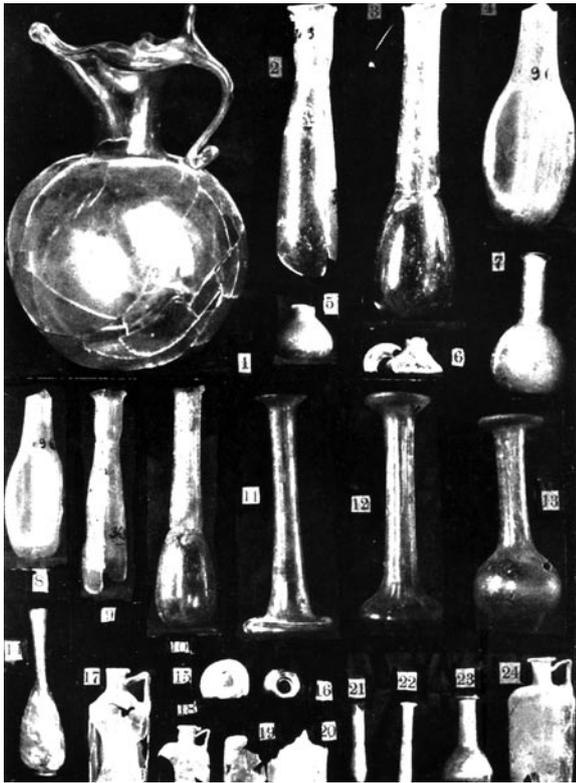
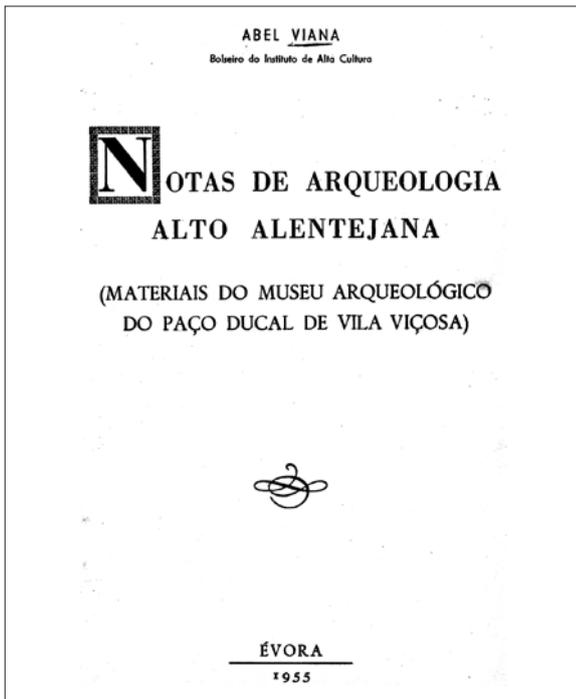


Fig. 37 - *Em cima*: capa da publicação monográfica de 1955 dedicada aos espólios arqueológicos conservados no Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa; *em baixo*: vidros romanos incluídos na publicação de conjunto de Abel Viana, alguns deles conservados no referido Museu (seg. VIANA, 1960-1961b).

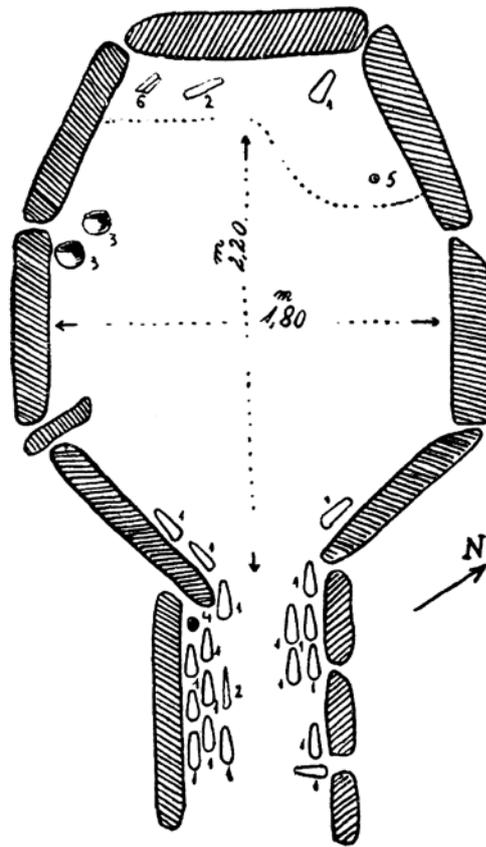
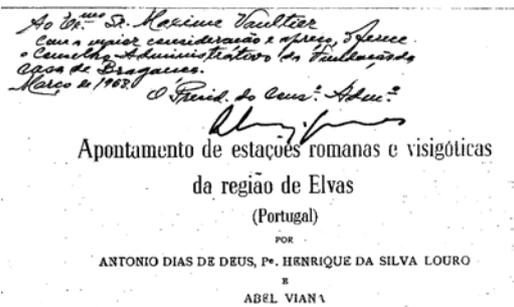


Fig. 38 - Planta do dólmen 2 do Texugo, Elvas, com a localização dos achados (seg. DEUS & VIANA, 1953).

taram também o interesse de Abel Viana, resultando publicações dedicadas à época visigótica (DEUS, LOURO & VIANA, 1955), tal como já se havia anteriormente verificado aquando do estudo arqueológico de Monchique (Fig. 39).

Mas já então novos desafios arqueológicos esperavam Abel Viana nos campos do Baixo Alentejo, por via de antigas e de sempre acarinhadas novas colaborações, ainda antes da conclusão da etapa elvense. A partir de Beja, iniciou-se, em meados da década de 1950, um notável programa de identificação, escavação e publicação das sepulturas calcólicas de falsa cúpula que se iam paulatinamente identificando na região, até então totalmente desconhecidas. Tais descobertas deveram-se em boa parte à cartografia geológica conduzida na região por O. da Veiga Ferreira com o seu mestre e amigo G. Zbyszewski, a par de contributos de estudiosos locais, como Ruy Freire de Andrade, enge-



O início das investigações que em seguida vamos resumidamente relatar data do ano de 1940 e as mesmas incidem sobre estações de diversos tipos: restos de edifícios e de hidráulica agrícola, necrópoles de incineração com simples enterramentos de urnas cinerárias, e necrópoles de sepulturas propriamente ditas, umas de incineração, outras de inumação.

De algumas delas têm os signatários destas notas publicado relatos parciais¹ e prepararam já os relatórios completos de seus trabalhos mas, por dificuldades de vária ordem, inclusivé pelo volume considerável dos materiais exumados a grande quantidade de factos observados, a sua publicação integral deve ser morosa, apesar dos perfilados esforços de envolvidos para o conseguirmos.

Por tal motivo, resolvemos trazer a este Congresso uma sucinta nota elucidativa da localização e categoria das seguintes estações.

1.—*Herdade do Carrão* (freguesia de Vila Fernando). Os testemunhos da ocupação romana são constituídos por:

a)—Restos de um extenso conjunto de edifícios. Um deles, muito grande e formado por numerosos compartimentos, mostra, pelo menos, seis pavimentos de mosaico (n.ºs 39-40 e 42 das Lám.ºs IV e V). Num local próximo existem alcerces de mais dois edifícios, um deles grande e pavimentado a tijolos quadrados.

b)—Restos de duas represas de irrigação, as quais são actualmente aproveitadas.

568

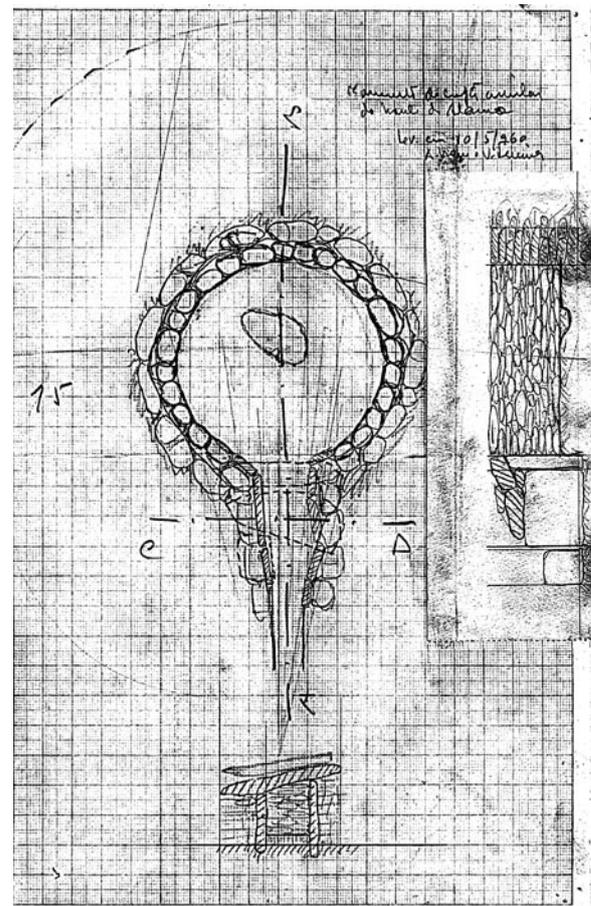


Fig. 39 – Primeira página de separata publicada pela Fundação da Casa de Bragança, relativa a estações romanas e visigóticas da região de Elvas, com dedicatória assinada pelo então Presidente da Fundação, António Luiz Gomes ao arqueólogo Maxime Vaultier (arquivo JLC).

nheiro das minas de Aljustrel, e o Padre Serralheiro, pároco de Messejana. Bastaria a participação de Abel Viana neste importante programa de pesquisas, para o colocar em lugar cimeiro da Arqueologia portuguesa. Com efeito, por via das cerca de uma dúzia de sepulturas daquele tipo então identificadas (Figs. 40 e 41), foi demonstrada a continuidade geográfica da sua distribuição entre a Andaluzia, o Algarve e a Estremadura, através das campinas baixo alentejanas, conforme claramente expuseram aquando da publicação da *tholos* do Monte Velho (Ourique) (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1961) (Fig. 42).

Com efeito, Abel Viana, pela sua insaciável curiosidade, não se configurava como especialista de alguma área científica específica, ou sequer de um

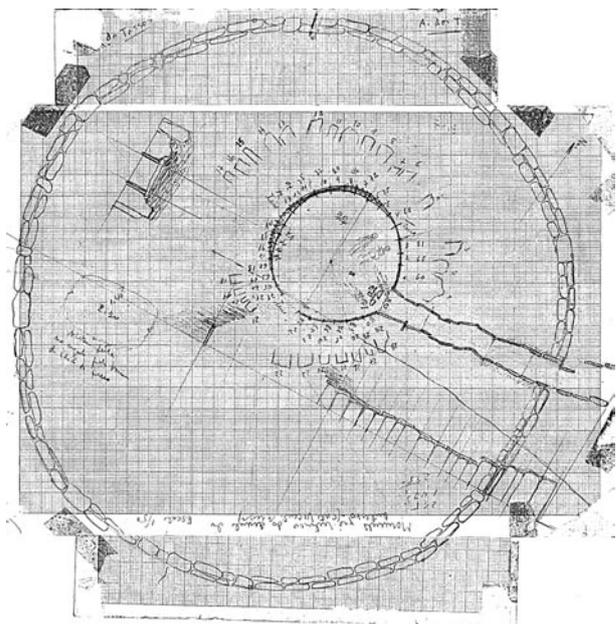


Fig. 40 – Original do levantamento à prancheta da planta da *tholos* de Monte do Álamo (em cima) e da *tholos* de A-dos-Tassos (em baixo) (arquivo OVF/JLC).

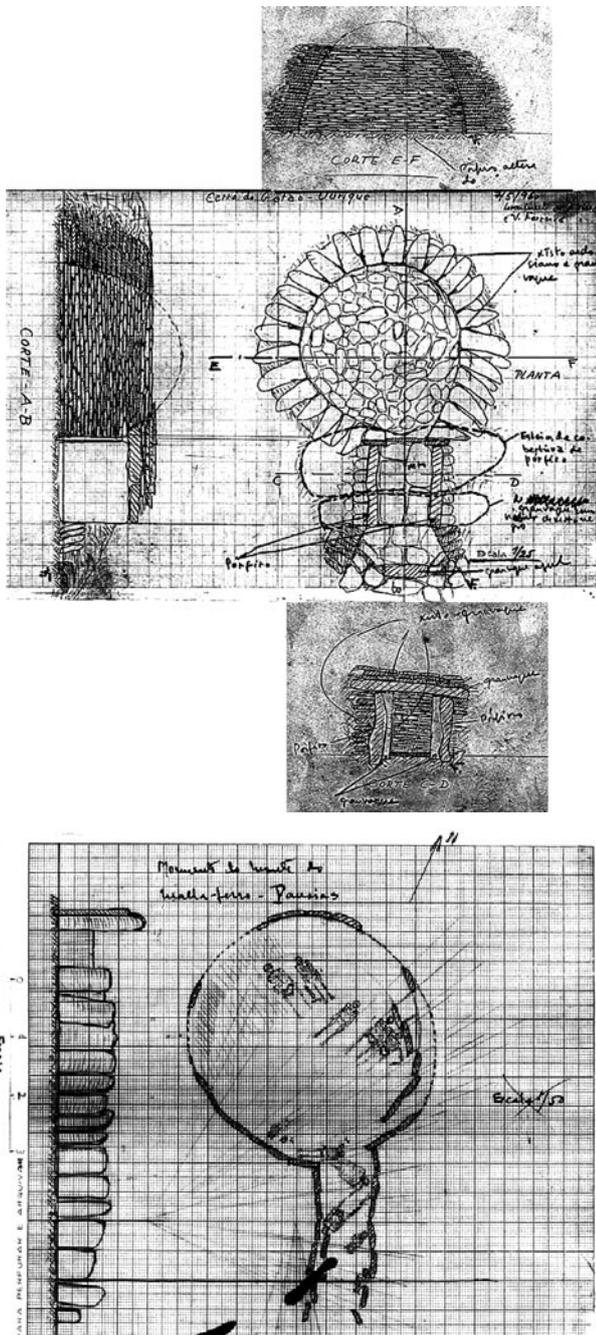


Fig. 41 - Original do levantamento à prancheta da *tholos* do Cerro do Gatão (em cima) e da *tholos* do Monte do Malha-Ferro (em baixo (arquivo OVF/JLC).

ameaçado. Mesmo em domínios de intervenção especializados, como o da Arqueologia mineira, o nome de Abel Viana encontra-se ligado a notáveis estudos sobre as minerações romanas de Aljustrel, em co-autoria com Veiga Ferreira e Ruy Freire de Andrade (Fig. 43), então engenheiro das referidas minas. No mais importante desses estudos (VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1954) apresentam-se preciosos artefactos então recolhidos no interior das galerias mineiras romanas, em excelente estado de conservação (Fig. 44). A importância dos

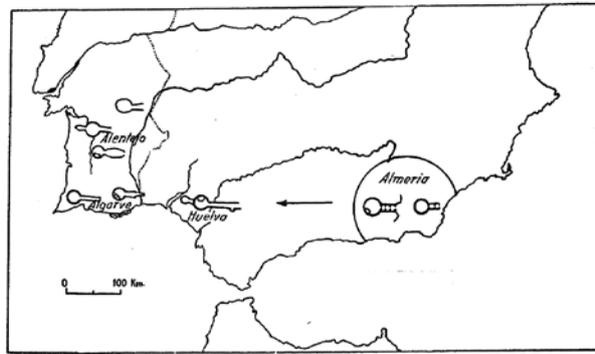


Fig. 42 - Proposta de progressão das sepulturas de falsa cúpula da área do Sudoeste peninsular, para o território português (seg. VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1961).



Fig. 43 - Da esquerda para a direita: Ruy Freire de Andrade; Abel Viana e O. da Veiga Ferreira, nas minas de Aljustrel, na década de 1950 (arquivo OVF/JLC).

conjunto de áreas afins: distinguiu-se, à luz da época em que viveu, num País onde as dificuldades eram muitas e quase sempre de monta para quem metia ombros a uma carreira científica, como interveniente activo e consequente na defesa e estudo do rico património cultural que todos os dias via cada vez mais

achados efectuados tanto na área mineira, como nas vizinhanças, como é o caso das escavações realizadas no cemitério romano de Valdoça, justificou a criação de um museu mineiro, cuja iniciativa coube à própria administração das minas (hoje integrado no Museu Municipal de Aljustrel). Nele, a colaboração de Eduardo Arsénio, então funcionário das minas, revelou-se indispensável, ocupando-se da reconstituição dos objectos cerâmicos mais importantes ali recolhidos (Fig. 45).

Em 1959, foram publicados por Abel Viana os primeiros resultados das escavações por si realizadas na necrópole do Bronze do Sudoeste da Atalaia (Ourique). É o próprio que refere as condições do achado e das primeiras investigações naquela ainda hora estação de referência para o Bronze do Sudoeste: *“O achado da necrópole de que vamos aqui tratar ocorreu no decurso das investigações efectuadas nos arredores do castro de Nossa Senhora da Cola, estação arqueológica muito importante cuja exploração, graças ao subsídio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian e ao patrocínio do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, nos está confiada desde 1958.”* (VIANA, 1959 b, p. 83) (Fig. 46). A escavação foi prosseguida depois do seu falecimento por Hermanfrid Schubart, então jovem arqueólogo alemão no início de carreira, que lhe deu a merecida difusão internacional (SCHUBART, 1964), através do estudo global da estação, prontamente publicado também em Português, no ano seguinte, no *Arquivo de Beja*. Os esforços inauditos que, sozinho, diariamente tinha de desenvolver, apenas para chegar ao local da escavação, encontram-se expressivamente registados em carta dirigida a Mário Cardozo, de 2 de Julho de 1963, menos de um ano antes de morrer, já com sessenta e sete anos de idade (CARDOSO, 2001-2002, p. 574):



Fig. 44 – Alcofa de esparto recolhida numa das galerias romanas da mina de Aljustrel (seg. VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1954).



Fig. 45 – Da esquerda para a direita: Eduardo Arsénio, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, nas instalações do Museu das minas de Aljustrel, na década de 1950 (arquivo OVF/JLC).

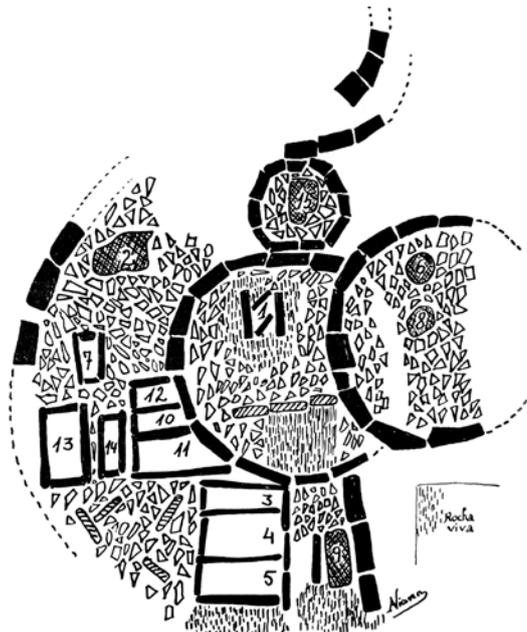


Fig. 46 – Planta parcial da necrópole do Bronze do Sudoeste de Atalaia (seg. VIANA, 1959).

“Trabalhei ali dois anos, fazendo a dupla travessia diária destes cerros e barrancos, debaixo de sol ardente, caminhando como animal, sem pensar, como irracional, atrás dos burros e das ferramentas, totalmente mecanizado. São esforços que jamais se esquecem! [...]. E não me venham cá com interditos oficiais! Em sítios destes, Helenos fiscalizadores só põem sapatos, por engano ou por capricho, uma vez na vida. Isto não são andurriais para manijações da cátedra nem para pífios académicos; é lugar para HOMENS. Sejam sábios ou não.”

Em 1962, preocupado com a adequada formação prática de jovens que, nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto aprendiam os primeiros rudimentos da prática arqueológica, editou em Beja livrinho de divulgação muito útil àquele fim, a *Arqueologia prática* (VIANA, 1962 a) (Fig. 47). Com efeito, na pagela que então mandou também imprimir para publicidade da obra, refere que se trata de “*guia útil para estudantes e amadores*”, com indicações sobre tratamento de objectos exumados; normas de escavações; indicações bibliográficas; e ainda informações sobre arqueólogos, revistas e museus com colecções de arqueologia.

Desta obra, conforme confidenciou a Veiga Ferreira na última missiva que lhe remeteu, escrita a 11 de Fevereiro de 1964, cinco dias antes de se finar, preparava uma segunda tiragem, mais completa e onde pretendia, num apêndice de 50 a 60 p., apresentar “*mais umas consideraçõezinhas acerca da falsa arqueologia, tão entusiasticamente cultivada entre nós e a insistir no*

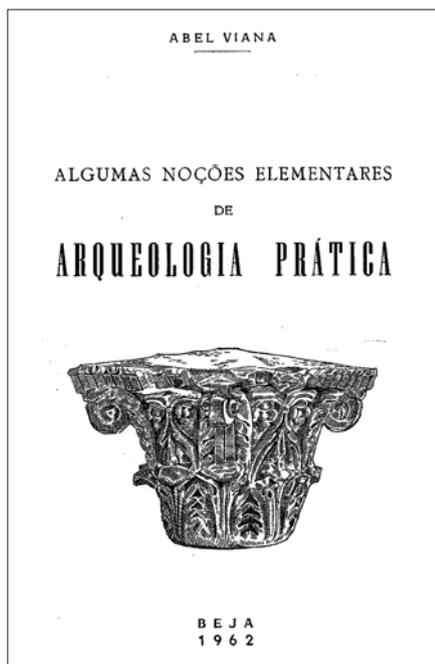


Fig. 47 – Folha de rosto da obra *Algumas noções elementares de Arqueologia Prática*, de Abel Viana.

Beja, 11/2/1964.

Veiga Amigo: Saúde. Acabo de receber a sua carta de 9. Eu persuadira-me de que lhe tinha escrito há poucos dias. Estarei enganado ou estará você? Seja como for, aqui estou para conversarmos um pouco, mesmo que de fugida. Ora, desde que vim da S.ª da Cola, em 27 de Outubro, não houve mais colagens *in situ*... Mas o caso é que o material é tanto e tão importante que, apesar de eu nunca ter parado ou afrouxado de trabalhar, tenho tudo atrasado, parecendo-me até que nada tenho feito! Chego a sentir desgosto disto! São dias inteiros aqui ~~agarrado~~ à mesa de trabalho, ou lá dentro a tratar do material, e a coisa não anda... Pois, Amigo Veiga, em 14 de Janeiro estive em Vila Viçosa a acompanhar o D. António de Castelo Branco, que foi lá buscar uns quadros do D. Carlos, para uma exposição que a Câmara de Casais vai realizar. Fui para lá na véspera, tratar da ida dos vidros romanos da Secção Arqueológica do Castelo, para o laboratório de Conimbriga, onde serão tratados e restaurados segundo processos modernos, pelo Dr. Alarcão e mulher, sob as vistas do Oleiro. Ao mesmo tempo, eles farão novo estudo de todo esse importante material, melhorando imenso, evidentemente, o estudo que eu fiz. Como sabe, nestas coisas não faço questão. Desde que os outros façam melhor, e me não macem por eu não ter podido fazer melhor, até fico contente. Depois, a convite do DR. A. Luís Gomes, fiz companhia ao D. António, que de outro modo teria andado por lá aborrecidamente sozinho. Conversamos bastante. Com respeito aos Serviços e atras das minhas publicações, despejei o saco... Porque não sai o Paleolítico do Guadiana? Porque não sai o Paleolítico do Minho, o meu? Olha, Veiguinha Amigo, o meu livreco precisa de IIº Volume, e Deus há-de permitir que eu em breve o publique! Ainda me ficou muito por dizer... mas hei-de proclamar tudo isso, custe o que custar, dêa a quem doer. Receio de represálias? Ora... bõrra! Que medo posso ter eu agora? Que me aumentem o reumatismo? Não; por aí nada poderiam fazer. Pois, Amigo, estive no Algarve, de visita a meus cunhados e a meu filho Alberto (Faro e Portimão), de 6 a 10 de Janeiro. Vim de lá adoentado, com o frio que apanhei. Em seguida, os dias 13 e 14 em Vila Viçosa puseram-me bastante pior. O frio este ano tem-me feito passar bastante mal. Certo é que me não trato a valer, mas também penso que não devo entrar em tratamentos complicados e dietas rigorosas. Para piorio da situação, criou-se-me um abcesso num dente, de modo que tive de pôr de parte a placa. Tenho estado à espera de que o abcesso desapareça e o dente fique em condições de ser extraído sem me fazer sofrer mais. De modo que, além dos dias e noites mal passados, por causa das dores, ainda a maçada da alimentação, que é tudo em paparradas de batidos no batedor eléctrico. Fico de papo abarrotado e, no fim de contas, com fome...

Fig. 48 – Trecho da última carta endereçada por Abel Viana a O. da Veiga Ferreira, escassos dias antes de falecer, onde refere os trabalhos em curso em Vila Viçosa e a intenção de apresentar um aditamento à sua obra *Arqueologia Prática* (arquivo OVF/JLC).

que entendo que verdadeira e honestamente se deverá fazer” (Fig. 48) (CARDOSO, 2001-2002, p. 585). Sempre frontal e polémico, jamais hesitou defender as suas ideias, com as conseqüentes dificuldades e dissabores.

Esta atitude crítica de Abel Viana no respeitante à organização da actividade arqueológica no seu País e à actuação de muitos dos seus colegas arqueólogos é antiga no seu pensamento e acompanhou toda a sua actividade como arqueólogo; a mesma encontra-se claramente expressa em 1959, ao rematar mais uma das suas curtas quanto sempre objectivas e despretensiosas contribuições, só postumamente editada: “Tais são os sinceros votos que ousa formular quem, ao longo de quarenta anos de autodidactismo (ou de amorismo, que dá na mesma), e apenas auxiliado ao entrar no último quartel da vida, é autor de muitas dezenas de modestas mas bem-intencionadas notícias, que totalizam alguns milhares de páginas, sem jamais se permitir o luxo ou pirotecnicidade das interpretações pretensiosas, obediente àquele prudente juízo de José Leite de Vasconcelos, em carta a Martins Sarmiento e a propósito de um bem conhecido arqueólogo português: – «Ele devia limitar-se a descrever e classificar, – porque isto de teoria é o diabo. Pois é. Do que a arqueologia nacional menos precisa é de teorias.»” (VIANA, 1958, p. 55; VIANA, 1970).

Tais posições eram tanto mais relevantes, no panorama arqueológico da época, quanto era certo que se tratava de personagem a ter em conta, mercê do prestígio granjeado pelo seu labor diário, de uma dedicação extrema. Disso é prova as abundantes notícias que sobre a actividade ou as opiniões de Abel Viana desde há muito vinham sendo publicadas em jornais regionais como o *Correio do Sul* (Fig. 49) e o *Diário do Alentejo* (Fig. 50). Também os jornais da sua cidade-natal deram carinhoso e desenvolvido acolhimento à actividade arqueológica deste seu ilustre filho, em

UM NOVO TRABALHO de ABEL VIANA

Abel Viana, agora mais uma vez em andanças científicas pelo litoral algarvio, na companhia do grande mestre de geologia que é o Dr. Georges Zbyszewski, acaba de publicar um novo trabalho.

Ele mesmo no-lo trouxe com amável dedicatória, em bem apresentada separata desse formidável repositório de conhecimentos humanos que é a revista «Brotéria» e nele mais uma vez temos que reconhecer e nos confirmamos no seu grande saber e o notável esforço por si desenvolvido, como Boileiro do Instituto para a Alta Cultura, no estudo e na pesquisa de um dos até há pouco menos conhecidos períodos da nossa pre-história regional.

Versa sobre o Paleolítico dos arredores de Beja e da zona sotavento do litoral algarvio e se o paleolítico da nossa província, escapa às investigações de Estácio da Veiga e apenas vagamente tentado por Carlos Ribeiro em 1878, se podia ter, até 1940, como matéria autenticamente virgem e incognita ainda por decifrar nos domínios da geologia nacional, temos que considerar Abel Viana, depois de uma notável primeira prospeção naquele ano levada a efeito por Abbé Breuil, Maxime Vautier e Zbyszewski, como o seu mais valioso, mais operoso e mais completo investigador.

O Algarve fica-lhe assim dependo mais um altíssimo serviço.

Fig. 49 – Notícia de primeira página do jornal *Correio do Sul*, de 13 de Novembro de 1947 dando conta de mais uma publicação de Abel Viana (arquivo OVF/JLC).

Diário do Alentejo

ANO XXVIII — NÚMERO 8560 JORNAL DA TARDE — PORTA-VOZ REGIONALISTA BEJA, Terça-feira

Notáveis achados Arqueológicos

Crónica Literária

Homenagem a S. O. Ministro das I.

De todos é sabido o alto e polo Senhor Ministro das Obras Públicas e o programa faz parte a inscrição para o banco S. O. e a inscrição em 25 de Maio de 1960.

BEJA DA CIDADE

VARANDIM DA CIDADE

DE SHAKESPEARE 2. Fascículo

Fig. 50 – Artigo de Abel Viana publicado na primeira página do jornal *Diário do Alentejo*, de 24 de Maio de 1960, apresentando considerações sobre achados arqueológicos (arquivo OVF/JLC).

edição de 29 de Agosto de 1963 (Fig. 51), ainda que as homenagens – e muitas foram (VIANA, 1996) – só tenham chegado depois do seu passamento. Para dar apenas mais alguns exemplos, a 18 de Novembro de 1965, o *Diário do Alentejo* inseria um artigo invocando o exemplo dado por Abel Viana em prol da defesa do rico património histórico-cultural baixo alentejano (Fig. 52). Enfim, muitos anos depois, a 10 de Novembro de 1989, a figura de Abel Viana era invocada por aquele que foi o seu discípulo dilecto, O. da Veiga Ferreira, em artigo publicado no *Aurora do Lima*, resultado de homenagem promovida pela Câmara Municipal de Ourique (Fig. 53), concelho onde o homenageado tanto trabalhou, com destaque para aquele que viria a ser o último sítio a cuja escavação meteu ombros, o Castro de Nossa Senhora da Cola.

Ao referido projecto se dedicou quase em exclusividade até ao fim da sua operosa e profícua vida. Iniciadas as escavações em 1958, contando para o efeito com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, desde logo foi posto a descoberto vasto terreiro, delimitado por muralhas, ocupado por habitações islâmicas, bem documentadas por produções cerâmicas e inscrições (Fig. 54); o local viria depois a ser povoação portuguesa da primeira dinastia, a antiga Marachique, representada em planta perspectivada do século XVIII realizada por D. Frei Manuel do Cenáculo, quando exerceu as funções de bispo de Beja. Contudo, pela heterogeneidade da sua ocupação, pela dificuldade de separação estratigráfica das diferentes fases de ocupação, e sobretudo, porque, nos inícios da década de 1960, ainda não tinha chegado a hora da Arqueologia medieval, nenhum dos arqueólogos amigos de Abel Viana compreenderam, e muito menos apoiaram, esta sua opção, até pela ausência quase absoluta de ocupação pré-histórica, aquela em que verdadeiramente estavam interessados.

Mas, por incrível que pareça, conseguir levar por diante tão difícil e incerta iniciativa, só possível graças à mobilização de avultados



Fig. 51 – Página do jornal *Notícias de Viana*, de 29 de Agosto de 1963, inteiramente dedicada a Abel Viana (arquivo OVF/JLC).



Fig. 52 – Notícia de primeira página do jornal *Diário do Alentejo*, de 18 de Novembro de 1965, invocando a necessidade de homenagem a memória de Abel Viana (arquivo OVF/JLC).

AURORA DO LIMA



DECANO DOS JORNAIS DA PROVÍNCIA
O 2º Jornal mais antigo do Continente
REGISTO Nº 204267

Administrador: AURÉLIO BARBOSA

RO MINISTRO LTO MINHO

antes melhoramentos:

da FORPESCAS
Viana do Castelo
cial

para inaugurar um
Formação Profissional
dotado com todos os
necessários para bem
sua alta missão social.
famente o Chefe do
entrega de diplomas a
comandos de vários cur-
RPECAS.



importante melhoramento
que Viana, a partir de agora, fica
dotada, realizou-se a visita à sede
do

INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO

A comitiva Ministerial dirigiu-
se para o imponente edifício, con-
hecido por "Casa do Campo da
Penha" ou de Rego Barreto, locali-
zada na, agora, Praça General Bar-
bosa e, anteriormente, Jardim de
D. Fernando. Neste grandioso i-
móvel funcionou, durante muitas
dezenas de anos, a Escola Indus-
trial e Comercial Nan Álvares, que
há dois anos deu o seu nome à rua
que lhe passa ao lado.

Nostris aguardavam os ilustres
Visitantes todos os elementos da
Comissão Instaladora do Instituto,
que é presidida pelo Doutor Abílio
Lima de Carvalho, diversas entida-
des oficiais e numerosos con-
vidados.

No amplo prédio, que benefi-
ciou ultimamente de importantes

Elogio histórico do Arqueólogo e Etnólogo Professor Abel Viana

Pelo Prof. Doutor O. VEIGA FERREIRA



O saudoso Arqueólogo e Etnólogo vianense, ABEL VIANA, foi
agora homenageado, a título póstumo, na cidade de Ourique. A
comitiva assustava personalidades científicas do País e do
estrangero e muitos condiscipulos do homenageado.

O elogio histórico de Abel Viana esteve a cargo do Professor
Santos Veiga Ferreira, que com ele colaborou e muito aprendeu em
estudos e pesquisas por diversas partes do País. É dele o trabalho
que a seguir publicamos:

O Professor Abel Viana, nasceu
na Freguesia de Santa Maria Maior, na
Náutico mas nunca embarcou.
Na estada no Brasil, o gosto pelas

Fig. 53 – Notícia de primeira página do jornal *Aurora do Lima*, de 10 de Novembro de 1989, relativa a homenagem promovida em Ourique a Abel Viana, com intervenção evocativa de O. da Veiga Ferreira (arquivo OVF/JLC).

meios logísticos e financeiros (pessoal, equipamento, alojamento), proporcionados pelo apoio que obteve da Fundação Calouste Gulbenkian, a cujo patrono dedicou emotivo agradecimento na única publicação dos resultados ali obtidos (VIANA, 1961 b) (Fig. 55):

“Não era este mais que modesto trabalho aquele com que desejaríamos preitear a memória de Calouste Gulbenkian.

Não conhecemos pessoalmente o Homem; como tantíssima gente, beneficiamos do Benemérito.

Só no resvalar para a velhice começamos a ter alguns auxílios mais efectivos, em nossa actividade de observador e anotador arqueológico. Apenas um, todavia, nos facultou os meios materiais para a realização de uma das mais ambicionadas tarefas de toda a nossa juventude e maturidade

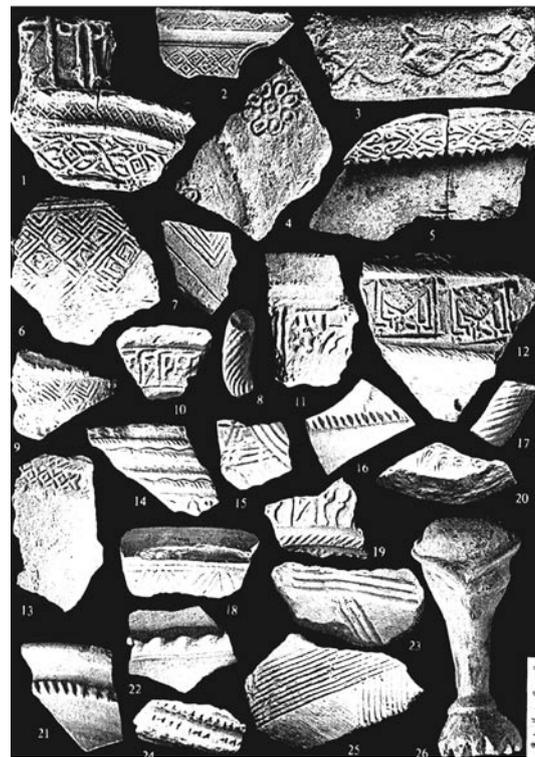


Fig. 54 – Conjunto de cerâmicas muçulmanas recolhidas no castro de Nossa Senhora da Cola (seg. VIANA, 1961 b).

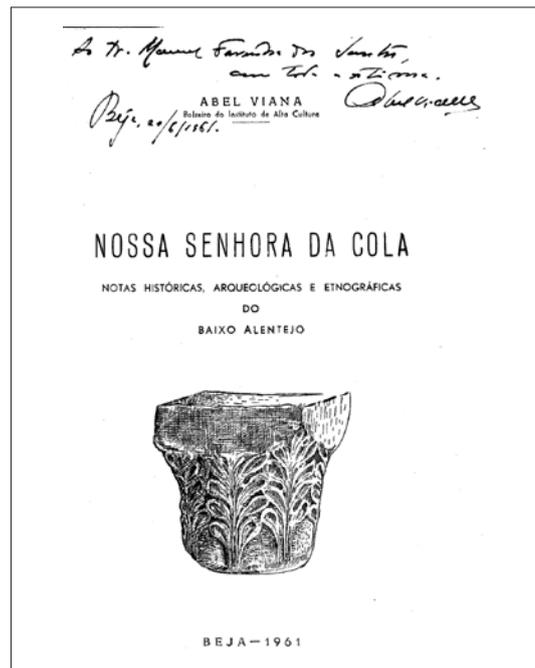


Fig. 55 – Capa da única obra de conjunto elaborada por Abel Viana sobre o castro de Nossa Senhora da Cola, com dedicatória ao arqueólogo Manuel Farinha dos Santos (arquivo JLC).

da vida. Há que ser grato e não demorar muito em o manifestar publicamente. De certo ponto em diante, o mais cedo é o mais oportuno.

Desta razão de urgência resulta a menor valia das páginas adiante enfeixadas. Também as circunstâncias em que são escritas excluem toda a concisão e secura que são timbre da prosa científica; há nelas, aqui e além, o tom sentimental a que não nos podemos eximir. Fica explicado o motivo.

A instituição de Calouste Gulbenkian foi, igualmente, um acto do sentimento humano. Parecer-nos-ia monstruoso correspondermos-lhe aqui com a mecânica fria e dura de um mero relatório.”

O seu intento de escavar integralmente esta vasta estação arqueológica (Fig. 56), hoje justamente valorizada e musealizada, por estranho que possa parecer, só não foi inteiramente coroado de êxito, porque a morte o surpreendeu em pleno labor.

Para se aquilatarem as dificuldades enfrentadas por Abel Viana naqueles finais da década de 1950 e inícios da seguinte, uma vez mais se recorre à transcrição de outro excerto da carta dirigida a Mário Cardozo, datada de 2 de Julho de 1963, para se entender bem a adversidade das condições de trabalho, suportadas meses a fio, ano após ano, naquele ermo alentejano: “Neste quarto onde escrevo e onde, fatigado e excitado, Deus permite que partilhe umas migalhas do sono dos justos, há cobras no telhado, osgas nas paredes, tarântulas pelos buracos, e pela manhã, ao levantar-me, não esqueço de sacudir os sapatos, antes de os calçar. Não vá ter-se metido neles algum dos enormes lacraus que diariamente esmago lá fora.” (Fig. 57).

Mas não se exagerem demasiado as penas por ele sofridas: como confidenciou ao autor H. Schubart, comia-se sempre a contento, incluindo petiscos e bom presunto, ali mesmo produzido; e aquela quietude só aparentemente era forçada, pois ele próprio a procurava e apreciava, sendo-lhe propícia ao estudo, mantendo os amigos informados, por via de aturada correspondência, do progresso dos trabalhos de campo (Figs. 58 e 59).

Por outro lado, os longos períodos de escavações que se prolongavam por meses a fio no terreno



Fig. 56 – Escavações no castro de Nossa Senhora da Cola, Ourique, em 1958. Original fotográfico da exposição *Abel Viana 1896-1964 Paixão pela Arqueologia*. Câmara Municipal de Viana do Castelo. Museu-Biblioteca Fundação da Casa de Bragança. Vila Viçosa, 2014.



Fig. 57 – Abel Viana ao trabalho no castro de Nossa Senhora da Cola (in *Notícias de Viana*, de 29 de Agosto de 1963) (arquivo OVF/JLC).



Fig. 61 – Abel Viana, na Aldeia dos Palheiros/Senhora da Cola, rodeado de jovens locais, em 1962, no decurso das escavações ali realizadas. Original fotográfico da exposição *Abel Viana 1896-1964 Paixão pela Arqueologia*. Câmara Municipal de Viana do Castelo. Museu-Biblioteca Fundação da Casa de Bragança. Vila Viçosa, 2014.



Fig. 62 – Abel Viana, na residência de O. da Veiga Ferreira, acompanhado da mulher deste, Maria Luísa e das suas duas filhas, Seomara e Ana Maria, na década de 1950 (arquivo OVF/JLC).

Manuel Luz tem mais um rapaz, nascido há oito dias. De modo que a Sr.^a Antónia tem, neste momento, cinco netos e cinco netas. E eu lá estou a acompanhar esta evolução...demográfica. (CARDOSO, 2001-2002, p. 584). Esta evidência tem também paralelo na relação íntima estabelecida com a Família de O. da Veiga Ferreira, da qual passou, de alguma forma, a fazer parte integrante: disso é prova o carinhoso tratamento de “Tio Abel”, por parte de Veiga Ferreira, que, por sua vez, chamava de “sobrinhas” as suas duas filhas (Fig. 62).

Assim era Abel Viana: a disponibilidade total para se sacrificar em nome de um desígnio mais forte e que certamente nem ele próprio sabia explicar – a sua incondicional dedicação à investigação arqueológica – justifica que hoje, 50 anos volvidos sobre o seu passamento, se saúde a sua memória, o seu exemplo e a sua obra, que fizeram dele um português de excepção.

REFERÊNCIAS

- BEIRÃO, C. (1986) – *Une civilisation protohistorique du sud du Portugal (1er Âge du Fer)*. Paris: De Boccard.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 23).
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 26).
- CARDOSO, J. L. & COITO, L. C. (e.p.) – Correspondência anotada de Abel Viana para J. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1993-1994) – A Arqueologia portuguesa do pós-guerra vista pela correspondência de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11-12, p. 291-338.

- CARDOSO, J. L. (2001-2002) – Correspondência anotada de Abel Viana a O. da Veiga Ferreira (1947-1964). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 415-608.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 383-408 (Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira).
- CARDOSO, J. L. (2011) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia portuguesa. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série III, 2, p. 229-297.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Manifestazioni del vaso campaniforme nel territorio portoghese. In De MARINIS, R. C. (ed). – *Le manifestazioni del sacro e l'Età del Rame nella regione alpina e nella pianura padana. Studi in memoria di Angelo Rampinelli Roca*. Brescia: Euroteam (2014), p. 279-319.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Cinquenta anos depois. Abel Viana e a Arqueologia portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 19, p. 159-168.
- CASTRO, L. de Albuquerque e; FERREIRA, O. V. & VIANA, A. (1957) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 325-346.
- DEUS, A. D. & VIANA, A. (1953) – Mais três dólmenes da região de Elvas (Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 227-240.
- DEUS, A. D.; LOURO, H. S. & VIANA, A. (1955) – Apontamento de estações romanas e visigóticas da região de Elvas (Portugal). 3.º *Congresso Arqueológico Nacional (Galícia, 1953)*. Crónica. Zaragoza, p. 568-578.
- FERREIRA, O. V.; VIANA, A. & CASTRO, L. A. (1957) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 325-346.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. V. & VIANA, A. (1953/1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1-4), p. 62-225.
- FRANCO, M. L. & VIANA, A. (1948) – Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11 (3-4), p. 299-305.
- HELENO, M. (1951) – Arqueologia de Elvas. Notícia preliminar. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II, 1, p. 83-94.
- JALHAY, E. (1925) – El Asturiense en Galicia. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Orense, 7 (165), p. 341-352.
- JALHAY, E. (1928) – A estação asturiense de La Guardia (Galiza). *Brotéria*. Caminha. 6 (2), p. 75-90.
- JALHAY, E. (1947) – O monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras). Contribuição para o estudo da época do Bronze. *Brotéria*. Lisboa. 42 (4), p. 387-393.
- MEIRELES, J. (1994) – As indústrias líticas pré-históricas do litoral do Minho (Portugal) e o seu quadro litostratigráfico. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34 (3/4), p. 17-42.
- PINTO, R. de Serpa (1928) – O Asturiense em Portugal. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 4 (1), p. 5-44.
- ROLO, M. (2014) – O contributo de Abel Viana para a arqueologia norte-alentejana. *Abel Viana 1896-1964 Paixão pela Arqueologia*. Catálogo da exposição Museu-Biblioteca Fundação da Casa de Bragança.
- SCHUBART, H. (1964) – Grabungen auf dem Bronzezeitlichen Graberfeld von Atalaia in Sudportugal. *Madridier Mitteilungen*. Madrid. 5, p. 11-55.
- SCHUBART, H. (1971) – O horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81 (3/4), p.189-215.

- VEGA DEL SELLA, Conde de la (1923) – *El asturiense nueva industria preneolítica*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memoria 32).
- VIANA, A. (1928) – Sabenças e lérias. X – O Asturiense em Portugal – Estações no litoral ao N. de Viana-do-Castelo. *Notícias de Viana*. Viana do Castelo. 1 (41) (22 Set. 1928), p. 2-3.
- VIANA, A. (1929 a) – A estação asturiense de Areosa. *Portucale*. Porto. 2 (7), p. 24-38 e 2 (8), p. 185-212.
- VIANA, A. (1929 b) – As Insculturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto-Minho). *Portucale*. Porto. 2 (10), p. 282-290; 2 (11), p. 350-356.
- VIANA, A. (1930) – Estações paleolíticas do Alto-Minho. *Portucale*. Porto. 3 (15), p. 189-235.
- VIANA, A. (1932) – Carta pré e proto-histórica do distrito de Viana do Castelo. *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*. Viana do Castelo. 1 (separata).
- VIANA, A. (1934-1936) – Necessidade de uma lei reguladora da exploração arqueológica acauteladora do património arqueológico nacional. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 237-246.
- VIANA, A. (1941) – Leite de Vasconcelos. *Diário do Alentejo*. Beja. (19.05.1941).
- VIANA, A. (1943 a) – O “Tombo” do hospital de Beja. *Brotéria*. Lisboa. 37 (9), p. 285-302.
- VIANA, A. (1943 b) – Moedas da Lusitânia portuguesa. *Musev*. Porto. 2 (5), p. 166-169.
- VIANA, A. (1945) – Paleolítico do Baixo Alentejo. Vale do Guadiana. *Brotéria*. 40 (2), p. 192-211.
- VIANA, A. (1945-1947) – Paleolítico das margens do Guadiana. *Arquivo de Beja*. Beja. 2 (3-4), p. 356-391; 3 (3-4), p. 364-411; 4 (1-2), p. 115-147.
- VIANA, A. (1946) – Alguns exemplares paleolíticos de Cordoba la Vieja. *Brotéria*. Lisboa. 43 (1) (Jul. 1946), p. 57-62.
- VIANA, A. (1947) – Paleolítico dos arredores de Beja e do litoral algarvio – zona de Sotavento. *Brotéria*. Lisboa. 45 (7), p. 45-57.
- VIANA, A. (1948) – Provável cemitério de escravos, em Loulé. *Ethnos*. Lisboa. 3, p. 1-4.
- VIANA, A. (1949) – Restos de Ossónoba, no largo da Sé, em Faro. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 39 a 46 (separata).
- VIANA, A. (1950) – Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12 (3-4), p. 289-322.
- VIANA, A. (1951) – O cemitério luso-romano do Bairro Letes. *Brotéria*. Lisboa. 53 (2/3), p. 145-165.
- VIANA, A. (1952) – Osso-noba. O problema da sua localização. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 62 (3/4), p. 259-285.
- VIANA, A. (1955 a) – A Cova da Moura. 3.º *Congreso Arqueologico Nacional, (Galícia, 1953)*. Actas. Zaragoza, p. 481-497.
- VIANA, A. (1955 b) – *Notas de arqueologia alto alentejana (materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)*. Fundação da Casa de Bragança.
- VIANA, A. (1956 a) – Asturiense das Astúrias e do litoral minhoto. *Libro Homenaje al Conde de La Vega del Sella*. Oviedo: Diputación Provincial de Asturias, p. 185-198.
- VIANA, A. (1956 b) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 13 (1-4), p. 110-167.

- VIANA, A. (1956 c) – *Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas*. Beja: Edição do Autor.
- VIANA, A. (1957) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 14 (1-4), p. 3-57.
- VIANA, A. (1958) – *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*. *Arquivo de Beja*. Beja. 15 (1-4), p. 3-56.
- VIANA, A. (1959 a) – Pequenos museus etnográficos. *Mensário das Casas do Povo*. Lisboa. 13, Abr.1959, p. 13 a 15.
- VIANA, A. (1959 b) – Necrópole pré-histórica da Atalaia: Aldeia dos Palheiros Ourique. *Conimbriga*. Coimbra, p. 83-96.
- VIANA, A. (1960) – Insculturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço – Viana do Castelo, Portugal). *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*. Orense. 20, p. 209-231.
- VIANA, A. (1960-1961 a) – Cidade de Âncora. Notícia sobre a actividade do II Campo Internacional de Trabalho Arqueológico, promovido em 1960 pela Associação Académica de Coimbra. *Conimbriga*. Coimbra. 2-3, p. 247-270.
- VIANA, A. (1960-1961 b) – Vidros romanos em Portugal – Breves notas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 18 (1-2), p. 6-42.
- VIANA, A. (1961 a) – *Necrópole romano-suévica (?) de Beiral – Ponte de Lima – Viana do Castelo*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.
- VIANA, A. (1961 b) – Nossa Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. 17 (1-4). Separata.
- VIANA, A. (1962 a) – *Algumas noções elementares de arqueologia prática*. Beja: Edição do Autor.
- VIANA, A. (1962 b) – Mamoá do Marchicão – Aldeia dos Palheiros (Ourique). *26.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962)*. *Actas*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 7.ª Secção, p. 279-288.
- VIANA, A. (1970) – Arqueologia, arqueólogos e escavações arqueológicas: monumentos, achados, espólios e museus. *1.º Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. *Actas e Memórias*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 2, p. 319-329.
- VIANA, A. M. C. (1996) – Bibliografia de Abel Viana. *Estudos Regionais*, p. 249-303.
- VIANA, A. M. C. (1997) – Abel Viana – pinceladas de um auto-retrato. *Estudos Regionais*, p.175-228.
- VIANA, A. & DEUS, A. D. (1950) – Necropolis céltico-romanas del concejo de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 23, p. 229-253.
- VIANA, A. & OLIVEIRA, M. S. (1955) – Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 6, p. 61-88.
- VIANA, A. & ZBYSZEWSKI, G. (1948) – Explorações pré-históricas de sílex, em Campolide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 33 (2), p. 124-128.
- VIANA, A. & ZBYSZEWSKI, G. (1952) – Paleolítico dos arredores de Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 33, p. 99-153.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. F. & FERREIRA, O. V. (1961) – O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 483-492.

- VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & FORMOSINHO, J. (1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15 (1-2), p. 17-54.
- VIANA, A.; FERREIRA, O. V. & SERRALHEIRO, A. (1957) – Apontamentos arqueológicos dos concelhos de Aljustrel e Almodôvar. *23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956)*. Actas. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 7.ª Secção, p. 461-470.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. V. (1947) – Duas raridades arqueológicas. I – Um bocado de tecido pré-histórico. II – Navalha de barbear da Idade do Bronze. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 2 (24), p. 313-330.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. V. (1949) – O conjunto visigótico de Alcaria (Caldas de Monchique). *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 33-34 (separata).
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. V. (1953 a) – De lo prerromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 26, p. 113-138.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. V. (1953 b) – Algumas notas sobre o Bronze Mediterrânico do Museu Regional de Lagos. *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 97-117.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O. V. (1953 c) – O capacete céltico do Museu Regional de Lagos (Algarve). *13.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950)*. Actas. Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 7.ª Secção, p. 393-398.